

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Shirley Pires Cruz

Desvelando Sentidos de Práticas Educativas de Famílias de Classes Populares: um estudo realizado com famílias de baixa renda de um bairro no município de São Paulo.

Programa de Estudos Pós-Graduados em
Educação: Psicologia da Educação

SÃO PAULO
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Shirley Pires Cruz

Desvelando Sentidos de Práticas Educativas de Famílias de
Classes Populares: um estudo realizado com famílias de baixa
renda de um bairro no município de São Paulo.

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de MESTRE
em Educação: Psicologia da Educação sob
orientação da Prof^a Dr^a Heloisa Szymanski.

SÃO PAULO

2008

BANCA EXAMINADORA

Dedico este trabalho a todos aqueles que realmente se interessam pelas questões do ser humano e que se sentem comprometidos socialmente com suas causas. Aqueles que respeitam o que o homem apresenta, mas que buscam a compreensão do não apresentado. Aos amigos, companheiros e conhecidos dessas idas e vindas... Minha gratidão.

AGRADECIMENTOS

A mim, por mais uma conquista!

A Deus, por abençoar minha vida.

À admirada professora Heloísa Szymanski, minha orientadora, pelas carinhosas acolhidas, atenção, grandes ensinamentos e incentivo na caminhada!

A minha querida família e amigos...

Às famílias participantes desta pesquisa, que, com disposição, me acolheram em seus lares.

A você, que contribui com impostos públicos, fonte viabilizadora da minha bolsa de estudos e ao Cnpq, que financiou este trabalho.

RESUMO

O presente estudo procurou desvelar e compreender sentidos de práticas educativas de famílias moradoras de um bairro de baixa renda no município de São Paulo.

Desvelar sentidos de práticas educativas dessas famílias foi primeiramente adentrar em seus mundos, contextualizar suas vivências e para isso foi importante e relevante conhecer e considerar suas peculiaridades, pois a intenção dessa pesquisa não foi generalizar os sentidos de práticas educativas familiares.

O sentido é compreendido nesse trabalho, como o caminho para onde apontam tais práticas, ou seja, o rumo e a direção das práticas configuradas a partir das narrativas obtidas pelas entrevistas com essas famílias. É importante lembrar que sentido dá-se em situação, isto é, num espaço e tempo, num determinado contexto ou época, portanto o que emergiu nesse trabalho foi referido à investigação que aqui se realizou.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de base fenomenológica existencial. Participaram do estudo duas famílias de alunos de uma EMEF da região onde moram. Com essas famílias foram feitos dois encontros para a realização de entrevistas reflexivas, segundo a proposta de Szymanski, além dos depoimentos coletados em reuniões coletivas. A análise dos dados inspirou-se na Fenomenologia Existencial de cunho hermenêutico para se desvelar os sentidos das práticas educativas no discurso dessas famílias.

Os resultados alcançados apontam que as práticas educativas das famílias estudadas revelam um sentido que expressa a responsabilidade de ser pai e mãe e de assumirem o papel de educadores de seus filhos, instrumentando-os para uma vida melhor. Não observamos uma prática dialógica, mas de imposição e obediência, porém essa imagem de família educadora e comprometida na educação dos filhos, muitas vezes não se adequa ao conceito que alguns educadores têm sobre as famílias de classes populares.

Palavras-chave: Sentido; Práticas educativas; Famílias de classes populares.

ABSTRACT

The following study tried to reveal and comprehend educational practicals in families that live in a lower class neighborhood in Sao Paulo city.

Revealing the senses of educational practicals of these families, it has been, firstly, entering their worlds, contextualize their living experiences, and in order to do that, it has been important and revealing get to know their particulars, because the intention of this research has not been only to generalize the senses of the familiar educational practicals.

The sense can be comprehended in this work, like the path where these practicals point, it means, the direction of the configured practicals from the narrative obtained from the interviewed families. It's important to remember that, the sense appear according to the situation, which means, within space and time, within a determined context or season, therefore what has emerged from this research refers to investigation that has taken place.

This is an existential qualitative phenomenological research. As part of this study we have two families from EMEF's students of the neighborhood. These two families have taken two meetings where reflexive interviews were made, according to Szymanski proposal, besides the testimonies taken in group meetings. The data analysis was inspired on the Existential Phenomenology that was applied to get the educational practicals from their speeches.

The results achieved point that the educational practicals of the studied families reveal the sense of being a father and a mother and take the role of being the educators of their own children, leading them to a better life. We haven't noticed a dialogic practical, but a command respect-obedience relationship, although this image of a educator family, committed in their children education, most of the times do not adequate to the concept that some educators have about lower-class families.

Key words: Sense; Educational practicals; Lower-class families

**O que nós vemos da cousas são as cousas.
Por que veríamos nós uma cousa se houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seriam iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?**

**O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.**

**Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma sequestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas
E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores senão flores,
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores**

(Alberto Caeiro)



**“Se apenas houvesse uma única verdade,
não poderiam pintar-se cem telas sobre o mesmo tema.”
(Pablo Picasso)**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO	
1.1 Família (breve histórico e práticas educativas).....	15
1.2 Família de classes populares e socialização.....	19
CAPÍTULO 2 – CONTEXTO DA PESQUISA	
2.1. A comunidade (local da pesquisa e um pouco de história).....	24
2.2. Situando os participantes no tempo e no espaço.....	27
a) caminho para se chegar às famílias.....	29
b) procedimento da escola para aproximação das famílias.....	31
CAPÍTULO 3 – MÉTODO	
3.1 A pesquisa qualitativa.....	33
3.2 Objetivos da pesquisa.....	34
3.3 As famílias participantes da pesquisa.....	36
3.4 Procedimento de coleta de dados.....	37
3.5 Instrumentos utilizados.....	38
a) depoimentos em reuniões com os pais colaboradores	
b) entrevista reflexiva	
3.6 Trajetória para marcar as entrevistas.....	43
3.7 Síntese dos encontros de entrevista.....	45
3.8 Procedimento de análise.....	55
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	
4.1 Constelações.....	57
4.1.1 - A conversa como ponto principal para uma ação disciplinar.....	57
4.1.2 A conversa como ponto de partida para uma ação disciplinar.....	58

4.1.3 A educação recebida pelos pais, utilizada como exemplo de projeto educativo.....	58
4.1.4 Mãe, pai e a responsabilidade do papel assumido.....	59
4.1.5 A família como principal meio de proteção – o exercício da autoridade.....	60
4.1.6 Os ensinamentos da igreja e o temor a Deus como exemplo na implementação das práticas educativas.....	61
4.1.7 A educação implementada pela família – desejo de continuidade na vida dos filhos.....	61
4.1.8 O desejo do futuro dos filhos, diferente do vivido.....	61
CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
ANEXOS.....	70

Apresentação

Algumas considerações acerca de minha trajetória pessoal e profissional se fazem necessárias para uma melhor compreensão e aproximação do leitor em relação ao delineamento deste trabalho, assim como, o caminho que percorreram meus pensamentos para se chegar à grande questão da pesquisa.

Pedagoga por formação pela Faculdade de Guarulhos, também fui estudante do curso de psicologia por três semestres na mesma faculdade onde tranquei minha matrícula para iniciar o mestrado no programa de Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP. Acredito na educação, e é nessa área que me dedico e dedicarei meus esforços para uma mudança significativa na sociedade e nos grupos com os quais me envolver.

Pela minha prática profissional e educativa, durante esses anos, aprendi muito, e também pude compartilhar alguns saberes. Fui professora de educação infantil e ensino fundamental e os três últimos anos que antecederam minha entrada no mestrado trabalhei num Centro Social de Educação infantil, onde, posso dizer, foi uma de minhas experiências profissionais mais significativa, pois lá, tive a oportunidade de ter uma relação mais próxima com as famílias dos educandos, o que não existia nos outros lugares por onde passei.

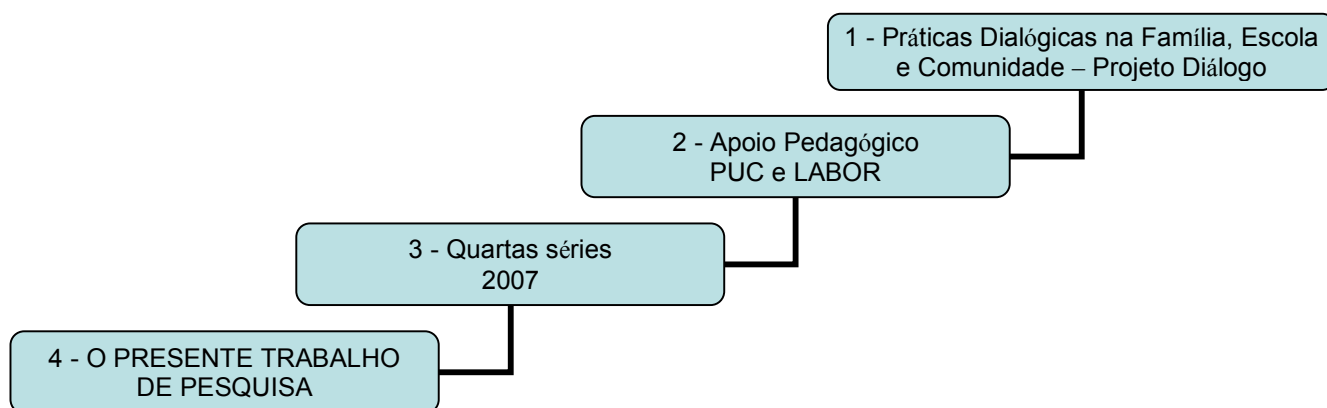
Minha prática suscitou uma maior reflexão e também a curiosidade de saber, como as famílias educavam seus filhos e o que as levava a implementar suas práticas educativas, pois assim, eu como educadora, poderia compreender melhor o cotidiano daquela criança, ou seja, essa atitude de aproximação do meu olhar ao mundo da criança e a busca de uma compreensão das relações de sua família, poderia contribuir favoravelmente em sua formação.

Cada dia mais percebia que o contato com as famílias era fundamental para um entendimento amplo sobre os modos de educar que as famílias têm, que se diferem dos modos de educar da instituição de ensino, e que no respeito a essas diferenças, poderia se construir uma relação dialógica e com bons resultados entre a família e escola.

Ao iniciar o mestrado também inicio o contato com o grupo de pesquisa ECOFAM¹. No grupo, encontro um lugar tanto para mim, como para desenvolver meu trabalho de pesquisa. Encontro também uma orientadora especial que me acolheu de uma forma solidária e me ajudou a caminhar dentre saberes, experiências e desafios.

Nesse momento é importante lembrar que esta dissertação insere-se num projeto maior intitulado Práticas Dialógicas na Família, Escola e Comunidade - “Projeto Diálogo” coordenado pela professora Heloísa Szymanski, que vem sendo implementado em uma escola municipal na região periférica do município de São Paulo. Seu objetivo geral consiste em introduzir e avaliar uma proposta de participação dialógica entre a escola e a família fundamentada na pedagogia de Paulo Freire.

Para situar este trabalho de pesquisa dentro do “Projeto Diálogo”, logo abaixo um organograma apresentará os trabalhos que foram desenvolvidos numa escola municipal da periferia da zona oeste de São Paulo, em seguida a localização da presente pesquisa e o interesse em investigar sentidos das práticas educativas nas famílias de classes populares.



¹ECOFAM – Grupo de Pesquisa em Práticas Educativas e Atenção Psicoeducacional na Escola, Comunidade e Família – PUC-SP – PPGE – Psicologia da Educação – coordenado pela professora Heloísa Szymanski.

1 - PRÁTICAS DIALÓGICAS NA FAMÍLIA, ESCOLA E COMUNIDADE – (Projeto Diálogo – PUC-SP Profª Heloísa) – o objetivo geral consiste em introduzir e avaliar uma proposta de participação dialógica entre a escola e a família fundamentada na pedagogia de Paulo Freire.

2 - APOIO PEDAGÓGICO (PUC e LABOR²) – tem o objetivo de construir com os professores novas técnicas educacionais que avaliem e inovem o contexto escolar, assim como planejar estratégias de aproximação entre família e escola.

3 - QUARTAS SÉRIES - O apoio pedagógico no ano de 2007, foi focado no trabalho com as turmas de 4ª série, pois o objetivo da escola e das demandas das famílias, era erradicar o analfabetismo nessas salas e em toda escola. Concomitante com a formação continuada das professoras e o pensar das novas técnicas de ensino, surgem as estratégias de aproximação das famílias iniciando um Grupo de Trabalho Família com a participação de alguns pais representantes de cada sala de 4ª série.

4 - O PRESENTE TRABALHO DE PESQUISA - objetivou investigar sentidos das práticas educativas que se desvelam em famílias moradoras de um bairro de baixa renda da cidade de São Paulo.

O resultado deste estudo poderá ajudar na compreensão dos modos de educar da família. Isto poderá não só contribuir para uma melhor relação entre a família e a escola, como também beneficiar os participantes, na medida em que os procedimentos adotados poder-se-ão configurar como um espaço de reflexão para as famílias a respeito de suas práticas.

Buscar a compreensão dos sentidos das práticas educativas nas famílias de classes populares é também um abrir-se para sua cultura considerando seu modo de constituição como ser humano dentro de um contexto social. O mundo em que a pessoa vive, oferece um lugar, um modo de habitar e agir, e os sentidos aparecerão como a direção do que se manifesta, o para quê, como essa compreensão se dar-se-á

² LABOR é uma ONG com a missão de contribuir com as escolas públicas na melhoria de seus processos educacionais, que promove o apoio à gestão escolar, através de mediação em processos participativos e é parceira do Grupo de Pesquisa ECOFAM.

na ação. Critelli (2007), Berger e Luckmann (1983 e 2004), contribuirão para esse olhar sobre sentidos.

Ao perguntar sobre sentidos das práticas educativas das famílias, é bom lembrar que sentido dá-se em situação, isto é, num espaço e tempo, num determinado contexto ou época, portanto, o sentido que se desvelar neste trabalho será referido à investigação que aqui se realizar, e de como se deixou revelar à compreensão desta pesquisadora.

Há, portanto, a possibilidade de abertura a outras indagações e compreensões, pois o fenômeno nunca se esgota, ele se dá em perspectivas, num constante movimento de se mostrar e de se ocultar ao ser inquirido ou buscado (Critelli, 2007).

Para ajudar o leitor a caminhar por esta dissertação será apresentada aqui uma explicação sobre como foi organizada a sua estrutura. No capítulo 1, teremos um breve histórico sobre família, práticas educativas, socialização e famílias de classes populares. No capítulo 2 será apresentado o contexto da pesquisa, situaremos a comunidade e os participantes no tempo e no espaço. No capítulo 3, serão indicados os princípios metodológicos que fundamentaram a pesquisa como também os procedimentos de coleta e análise dos dados que foram adotados para possibilitar que o fenômeno em estudo pudesse emergir. No capítulo 4, teremos a análise dos dados desse trabalho e as constelações que emergiram e no capítulo 5, encontram-se a discussão e considerações finais.

CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo vem para expor ao leitor um breve histórico sobre família, e procura refletir sobre os modelos e configurações socialmente construídos no decorrer da história. As contribuições de Szymanski (2000 e 2003), Poster (1979) e Àries (1978) nos auxiliarão no olhar sobre família, assim como Berger, Luckmann e Lahire contribuirão para a reflexão sobre socialização. Tendo em vista que se procura defender a importância desses temas para a discussão do sentido socializador das práticas educativas familiares.

1.1- FAMÍLIA (breve histórico e práticas educativas)

Uma menina, com o rosto tenso, ao mesmo tempo que enrolava uma mecha de seus cabelos, descrevia sua família: “Anne é minha irmã, Frédéric, meu irmão postico, quer dizer, ele é o filho do Philippe, novo marido de mamãe. Severine é minha meia-irmã, porque é filha de mamãe e de Philippe, como Laure, filha que papai acabou de ter com Véronique”. Depois, ela continua com um jeito preocupado: “Você está entendendo?” “É claro, digo-lhe sorrindo. Sabe sempre encontro crianças que vivem numa família como a sua”. Então seu rosto começou a se descontraír e a entrevista pôde prosseguir mais facilmente.
(Garbar, C. e Theodore, F. - *Família Mosaico*, p. 21)

Iniciemos nossa reflexão sobre família considerando suas diferentes configurações e modelos que foram socialmente construídos no decorrer da história. Pode-se afirmar que a família também é o lugar onde se constitui a identidade da pessoa e criam-se vínculos relacionais de pertencimento. Lugar onde, muitas vezes, encontram-se proteção e cuidado com relações baseadas em papéis hierárquicos e de subordinação, pessoas que estão unidas não apenas por laços consangüíneos, mas também por laços de afinidade e, portanto uma unidade social construída e não natural.

Segundo Szymanski (2003), “numa definição ampla, teríamos uma família quando pessoas convivem assumindo o compromisso de uma ligação duradoura entre si, incluindo uma relação de cuidado entre os adultos e deles para com as crianças e idosos que aparecem nesse contexto”. Como a própria autora discute, não há uma

definição única de família, o conceito de “família” independe de seu formato. Ao longo da história – marcada por rápidas transformações sociais, econômicas e culturais – a família foi-se caracterizando como espaço de inserção e apoio para os indivíduos, não podemos negar também sua contradição, representada na existência de conflitos, reproduções da macroestrutura social, marcada pela desigualdade e violência.

Ariès (1978), muito contribuiu na elucidação desta questão ao fazer uma retomada histórica sobre o assunto. O autor aponta que foram quatro séculos para a formação de um modelo que se instalou no pensamento dos ocidentais e que é mantido pelas várias instituições como escola, igrejas, meios de comunicação, dentre outras, resultando na construção de um modelo específico de família – a família nuclear burguesa – que atribui à mãe o papel de formar os filhos e ao homem a função de provedor.

A essas personagens são atribuídos papéis sociais que caracterizam estereótipos do homem provedor, associado ao mundo externo, no topo da hierarquia, e da mulher, cuidadora e responsável pela vida emocional da família e educação dos filhos, voltada para o mundo doméstico, a “rainha do lar”, uma expressão que denuncia as origens aristocráticas da família nuclear (Ariès, 1978).

A própria sociedade carrega, em seu imaginário, idealizações sobre modelos de famílias, tendo como símbolo e expressão o modelo nuclear, como representativo de cuidado e proteção. Segundo Szymanski (2000) O modelo nuclear de família instalou-se poderosamente em nossa cultura, preconizando uma estrutura, uma hierarquia, papéis sociais e normas de funcionamento. Nos meios de comunicação e livros didáticos, essa família é sempre branca, de classe média, composta de pai, mãe, filhos e avós, e os sentimentos associados a esse modelo são de amor, acolhimento, apoio e segurança.

Poster (1979) diz que, apesar do atual interesse que existe em relação à família, sobre sua evolução no passado e para o futuro, a ciência social não possui ainda uma definição adequada de família, ou um conjunto coerente de categorias que sirva de base para analisá-la, ou um rigoroso esquema conceptual para especificar o que há de significativo nela.

A família nunca teve apenas uma característica, ela sempre foi multifacetada, houve modelos hegemônicos e o modelo que temos hoje, é aquele que se firmou no

século XVII, por isso é bom lembrar que não são somente as transformações contemporâneas que modificam as configurações famílias.

É comum ouvirmos que existem famílias “desestruturadas”, mas será que existe realmente uma estrutura ideal de família? Ou existem diferentes configurações familiares?

Szymanski (2000) atentou para essa concepção de origem de família nuclear que percorre o imaginário e recai no cotidiano destas pessoas, como a *família pensada* – aquela que está integrada em um arranjo social e cultural que atende aos interesses de uma dada sociedade. Qualquer desvio do modelo é considerado uma condição ameaçadora da ordem e potencialmente danosa. Este modelo de família se difere muito da *família vivida* – nesta família encontram-se pessoas que apresentam uma estrutura e organização diferentes das do modelo. Estão organizadas numa estrutura hierarquizada (por idade ou gênero), convivem com a proposta de uma ligação afetiva duradoura, incluindo uma relação de cuidado entre os adultos e deles com as crianças, jovens e também com os idosos – constituem a “família vivida”.

É importante destacar que, família é um termo muito amplo para designar diferentes tipos de relações e por isso é necessário caracterizar de que família estamos falando.

Nesse sentido, a concepção de família que a presente pesquisa trabalha e acredita que exista, não passa necessariamente pelo modelo tradicional de família nuclear burguesa, que nos faz acreditar muitas vezes, que uma verdadeira família é aquela cuja estrutura e constituição conta com a presença do pai, mãe e de filhos biológicos. Modelos que mesmo não sendo hegemônico, ainda conseguem impregnar as análises e representações sobre as famílias.

Não defendemos aqui a crença de família “estruturada” e família “desestruturada”, como bem diz Szymanski (1995):

“O mundo familiar mostra-se numa variedade de formas de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas na busca de soluções para as vicissitudes que a vida vai trazendo. Desconsiderar isso é ter a vã pretensão de colocar essa multiplicidade de manifestações sob a camisa de força de uma única forma de emocionar, interpretar, comunicar”.

Hoje em dia vemos, por exemplo, a união de casais homossexuais, apesar de que no Brasil o casamento entre esse tipo de casal ainda não seja reconhecido, isso não impede que morem juntos e constituam uma família. A adoção de criança é possível, pois segundo a lei, pode ser feita por mulheres e homens solteiros, sem fazer referência à orientação sexual dos futuros pais e muitas vezes, escondendo-se uma união homossexual estável.

Pensar em família nos remete a vários desafios e olhares. O Capítulo VII da Família, da Criança, do Adolescente e do Idoso da Constituição Federal de 1988, no artigo 227, e o Estatuto da Criança e Adolescente de 1990, com os artigos 19 e 33, responsabilizam a família pelo cuidado de seus membros, devendo assisti-los, criá-los e educá-los.

A relação no ambiente familiar é permeada por intencionalidades entre os membros da família, principalmente aqueles responsáveis pela aplicação das práticas educativas. Para Szymanski (2000), práticas educativas são entendidas como ações contínuas e habituais realizadas nas trocas interpessoais pelos mais velhos em relação às crianças e adolescentes, com a finalidade de transmitir saberes, práticas e hábitos sociais, trazendo uma compreensão e uma proposta de ser no mundo com o outro.

São chamadas de práticas educativas as estratégias e técnicas utilizadas pelos pais e mães para orientar o comportamento de seus filhos, tentando atingir objetivos específicos em determinadas situações. Por isso, também são denominadas por alguns autores de estratégias educativas ou de socialização, uma vez que têm como função comunicar à criança o desejo do pai e da mãe de que ela modifique seu comportamento (Alvarenga & Piccinini, 2001).

É inegável a influência da família no desenvolvimento dos filhos. Vista também como um meio socializador responsável pela interação no mundo, à família tem-se delegado a tarefa de educar.

1.2 – FAMÍLIA DE CLASSES POPULARES E SOCIALIZAÇÃO

A temática “Família de classes populares e Socialização” vem para contribuir para uma maior abrangência sobre a realidade da vida cotidiana que é partilhada pela criança dentro dessas famílias.

Lembrando mais uma vez que o propósito desse trabalho é investigar sentidos das práticas educativas de famílias de classes populares, e, para isso, será preciso buscar uma compreensão do mundo dessas famílias, que se constitui na construção de uma realidade que é dotada de sentidos, e cada mundo terá interlocutores que nos ajudarão a compreender as bases dele (Berger e Luckmann, 1983).

*As mais importantes experiências dos outros
ocorre na situação de estar face à face com o
outro, que é o caso prototípico da interação social.
Todos os demais casos derivam deste.
(Berger e Luckmann – A construção
social da realidade, 1983 p. 47)*

*“São casas simples, com cadeiras na calçada
e na fachada escrito em cima que é um lar
pela varanda, flores tristes e baldias
como a alegria que não tem onde encostar...”
(Gente humilde - Chico Buarque, Garoto e Vinícius de Moraes).*

Cervený (2000), aponta que em todo grupo familiar encontramos um conjunto de regras que - inclusive - torna possível o seu funcionamento. Algumas dessas regras são mais explícitas e fazem parte de um sistema mais geral, que envolve regras quase universais de organização familiar. Essas regras, apesar de sua universalidade, têm características específicas que dependem da cultura própria em que a família se insere.

Não podemos negar que a família é o primeiro meio de socialização para a maioria das crianças. Seja ela constituída na ideologia da família nuclear moderna da qual a sociedade como um todo tem como modelo, ou seja, formada por um grupo de convivência que vai servir e apresentar à criança os primeiros elementos de socialização.

Berger e Luckmann (1983) afirmam que o indivíduo não nasce membro da sociedade. Nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da

sociedade. A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual se torna membro da sociedade.

Socialização primária define-se pela imersão da criança em um mundo social no qual vive não como um universo possível entre todos, mas como o mundo, o único mundo existente e concebível. Essa imersão se faz a partir de um conhecimento de base que serve de referência para que ela consiga objetivar o mundo exterior, ordená-lo por intermédio da linguagem, bem como refletir e projetar ações passadas e futuras. É a incorporação desse saber de base *na e com* a aprendizagem primária da linguagem – oral e escrita - que constitui o processo fundamental da socialização primária, pois assegura a posse subjetiva de um eu e de um mundo exterior. (Berger e Luckmann, 1983)

Para esses autores, os saberes básicos incorporados pelas crianças dependerão não somente das relações entre a família e o universo escolar, mas de sua própria relação com os adultos responsáveis pela socialização, como por exemplo, os pais.

Pensando no papel educativo dos pais, Bronfenbrenner (1996) diz que o desempenho efetivo desse papel depende das cobranças sobre ele, do grau de estresse que ele gera e do quanto de apoio se recebe de outros ambientes. Além disso, a avaliação dos pais a respeito de sua capacidade para desempenhá-lo, e o modo como percebem seus filhos, relacionam-se ao que o autor chama de “fatores externos”, tais como horários de trabalho flexíveis, presença de pessoas que possam ajudar em situações de dificuldade, um serviço social e de saúde de boa qualidade, dentre outros.

Discutir o papel educativo dos pais torna-se fundamental quando, pensamos que a família contribui para a constituição identitária da criança e sua socialização no mundo.

No presente trabalho, temos como foco as famílias que vivem em situação de pobreza, que chamamos aqui de famílias de classes populares. Sabe-se que essas famílias enfrentam problemas contínuos como, desemprego, habitação deficitária, nutrição e cuidados médicos inadequados, não esquecendo também que, muitas vezes, essas famílias são cercadas pela influência negativa dos bairros em que vivem tais como: crime, violência e drogas. Os pais lutam para proporcionar aos filhos o básico e essencial de alimentação, vestuário e abrigo e se preocupam com sua segurança.

A rua passa a ser uma extensão da casa, muitas vezes em consequência das condições precárias da moradia, que é quente, pequena e desconfortável. Isso faz com que estas famílias passem muito tempo em convívio com a vizinhança. Não somente as condições de moradia são responsáveis pela forma de limitar os espaços, podemos dizer que são também modos diferentes de relacionar-se com o contexto em que vivem.

Não se pode desconsiderar a influência de fatores associados a grupos de baixa renda, em especial no que diz respeito à escolaridade dos pais na definição de práticas educativas com os filhos. Segundo Szymanski, (in *Práticas Educativas Familiares e o sentido da constituição identitária*, 2006), muitos estudos (Bernard-Peyron & Allès-Jardel, 2002; Black & Krishnakumar, 1998; Mc Loyd, 1990, 1998, Nunes, 1994), têm como ponto comum a consideração de que famílias de baixa renda e baixo nível de escolaridade adotam, com frequência significativamente maior, práticas educativas violentas com suas crianças, o que se associa a danos para seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo. Isso não quer dizer que não se encontrem pais com excelentes habilidades educativas nos meios socioeconômicos menos favorecidos como o contrário, pais de alto nível socioeconômico com dificuldades na educação de seus filhos.

Muitas vezes a família pobre é também culpabilizada pelo “não sucesso” do filho na escola, essa culpabilização expressa a visão preconceituosa que se tem dos pobres ao longo da história brasileira. Como já colocado também por diversos autores (Bisseret, 1979; Chaui, 2001; Schwarcz, 1993; Patto, 1999 entre outros), a pobreza, desde o início da revolução industrial, passou a ser entendida como inferioridade moral e física, natural de povos e indivíduos primitivos e transformou-se em instrumento de culpabilização das classes populares por suas condições de vida.

Lahire (2002) diz que, aquilo que vivemos com nossa família, na escola, com amigos ou no trabalho, não é sinteticamente somado de maneira simples. Cada vez mais o contato precoce com outros universos, além da família, está presente em nossas vidas. O autor ainda afirma ser difícil conceber um universo coerente e harmonioso em relação ao universo familiar. Para ele, é necessário constatar que a experiência e a pluralidade de mundos têm todas as chances de serem precoces nas sociedades atuais.

Vive-se simultânea e sucessivamente em contextos sociais diferenciados e não equivalentes.

E esses diferentes contextos sociais promovem a interação com o mundo, lembremos que a escola, a igreja, os amigos e múltiplas instituições que a pessoa é levada a conviver as vezes podem ser contraditórias, no que se refere aos princípios de socialização que esta pessoa teve, pois o estilo educativo promovido pela família possui diferentes interpretações que, no exercício da função materna e paterna, trazem e baseiam-se consigo em crenças e valores peculiares àquela família. (Lahire, 2002)

Dentre as tarefas que compõem a função dos pais, provavelmente a educação dos filhos seja a mais complexa. O processo educativo normalmente se fundamenta em determinados valores que pais e mães transmitem e procuram que seus filhos internalizem e assumam. Esta transmissão que se dá de geração a geração é essencial. Dessa forma, pode-se observar que pais e mães procuram agir para que seus filhos adquiram os valores familiares, ainda que não o façam de forma pré-estabelecida, já planejada.

Os pais e as mães possuem determinados valores que querem ver desenvolvidos em seus filhos. Esses valores embasam suas metas educativas. Para verem estas realizadas nos filhos, eles utilizam determinadas práticas (ou estratégias) de socialização, as quais compõem seu estilo educativo. Portanto, na maioria das vezes, a maneira como os pais e mães agem com os filhos não é simplesmente improvisada.

Se partirmos do pressuposto de que, ao agirem com os filhos, os pais e mães possuem uma intenção, poderíamos então imaginar que bastaria eles utilizarem determinadas práticas para verem suas metas educativas desenvolvidas. Entretanto, não é o que ocorre.

Neste sentido, Hernández e cols.(1998) reconhecem que não podemos afirmar a existência de uma relação direta entre os valores e as metas que os pais e mães desejam para seus filhos e os que estes adquirem. Entendem que a adoção e interiorização de valores pelas crianças não resultam apenas da imitação dos valores de seus pais, e sim, são frutos de um processo construtivo no qual a criança, em relação com outras pessoas, vai dar sentido à realidade social que a rodeia. Cada

criança vai dar um sentido e interpretar as condutas de seus progenitores conforme suas experiências e contexto, e por isto, seus valores poderão ser similares aos paternos, mas nunca idênticos. Dentro desta ótica, os filhos são agentes ativos no processo de construção de valores.

Acreditamos que o olhar respeitoso destinado à realidade das famílias pesquisadas se fez necessário, pois não podíamos buscar a compreensão do modo de agir dessas famílias em relação à seus filhos, sem considerar sua facticidade, ou seja, seu modo de ser no mundo. Sendo assim o próximo item desse capítulo abordará um dos traços que também caracteriza essas famílias, que é a condição de pertencerem às chamadas classes populares, enfatizaremos a seguir o contexto da pesquisa, o lugar de onde se originou este trabalho.

CAPÍTULO 2 – CONTEXTO DA PESQUISA

É importante destacar que, família é um termo muito amplo para designar diferentes tipos de relações, e, por isso, é necessário caracterizar de que família estamos falando, por isso é inevitável considerar também as condições sociais e econômicas que permeiam a vida das famílias participantes. Sendo assim, neste capítulo será apresentado o local onde moram as famílias, a escola onde se iniciou a pesquisa, assim como um breve histórico das estratégias de aproximação entre família e essa escola.

Será apresentada primeiramente, uma caracterização da comunidade em que se situa tanto a escola, quanto as casas das famílias participantes da pesquisa, em seguida, as características da escola com dados técnicos levantados junto à instituição e, por fim, situaremos o contexto dos participantes da pesquisa no tempo e no espaço.

2.1 - A COMUNIDADE – (local da pesquisa – um pouco de história)

Esta pesquisa foi realizada na Vila Brasilândia, localizada na periferia da cidade de São Paulo (abaixo destaque no mapa do município de São Paulo). Periferia esta, que segundo Houaiss (2001), é entendida como, numa cidade, região afastada do centro urbano e, que, geralmente, abriga população de baixa renda.



A Vila Brasilândia é um dos 96 distritos da cidade de São Paulo e está localizada na região noroeste da capital paulista. Trata-se de um dos maiores distritos, não só em relação à densidade demográfica, mas também ao espaço geográfico, pois compreende uma área de aproximadamente 21 Km quadrados, com uma população em torno de 254 mil habitantes. Sua topografia acidentada é caracterizada por vales profundos, com áreas alagadiças e altos morros.

Segundo Araújo (2006), na década de 1930, alguns sítios e chácaras de cana-de-açúcar na zona norte foram se transformando em núcleos residenciais. O crescimento de sua ocupação veio a formar o bairro denominado Brasilândia. Existia naquela região um homem por nome Brasília Simões, cultivador de cana-de-açúcar e fabricante de *Caninha do Ó*, conhecida aguardente da época, liderou a comunidade para a construção da igreja de Santo Antônio, em substituição à antiga capela existente. Por isso, o comerciante foi homenageado na denominação do bairro, em reconhecimento ao feito. A inauguração da Paróquia de Santo Antônio de Vila Brasilândia ocorreu em 17 de setembro de 1953, com a cerimônia de casamento de Manoel Guilherme e Benedita Guilherme (Gasonato, 2007).

A Brasilândia foi loteada em 1946 pela família Bonilha, que era proprietária de uma grande olaria na região. Embora não fossem dotados de qualquer infra-estrutura, os terrenos eram adquiridos com grandes facilidades de pagamento, inclusive com a doação de tijolos para estimular a construção das casas.

O bairro também recebeu um grande fluxo de migrantes do nordeste do país, que fugiam da seca que assolava seus estados nas décadas de 50 e 60, além das famílias vindas do interior do estado, em busca de oportunidade de trabalho. Outro contingente de famílias de origem africana e escrava veio para o bairro depois de serem expulsas, pela prefeitura, do centro da cidade. Esta expulsão ocorreu com a demolição de muitas habitações antigas que deram lugar a novas e grandes avenidas.

Em 28 de fevereiro de 1964, pela Lei nº. 8092 Brasilândia foi elevada a 40º Subdistrito da Capital, delimitando-se com Freguesia do Ó, Pirituba e Perus, englobando as vilas que estão neste espaço. A Brasilândia é maior, em extensão e população, do que muitas cidades interioranas.

É composta por famílias, com altas taxas de vulnerabilidade social³, que sofrem adversidades culturais, geográficas, sociais e econômicas. Os terrenos têm em média de 12 a 15 metros quadrados e as construções são de, no máximo, dois pisos, em sua maioria de alvenaria, mas ainda são encontrados barracos feitos de madeira, deixando à vista como, aos poucos, estão se unificando, aproveitando todo o espaço possível, transformando-se, expandindo, principalmente na divisa de vilas onde os moradores apontam como espaço de ocupação, bem como tomando o lugar da mata, como clareiras.

Não há cores vibrantes, predominam o cinza do concreto e o marrom do tijolo, tão próximos da Serra. Há pequenos pontos comerciais como mecânicas, bares e pequenas lojas, todos os tipos de sons, carros particulares e coletivos disputando espaço com pessoas e animais. As pessoas parecem fazer da via pública a extensão de suas casas, onde o espaço para convivência é pequeno para o número de pessoas, a maioria das casas se abre direto para a rua, expondo sua intimidade, sua privacidade.

Existem também, no bairro, muitos prédios de conjuntos habitacionais (CDHU) que, junto com eles, trazem uma história de luta e conquistas dos movimentos de moradia da região. As informações que seguem sobre a luta desses moradores em prol a uma moradia mais digna, foram retiradas do site da “União dos Movimentos de Moradia de São Paulo⁴”.

No final da década de 80, uma gleba de aproximadamente 600.000,00 m² hoje denominada de CDHU-Brasilândia, foi desapropriada pela Companhia Estadual de Habitação, dando início a um processo de construção de apartamentos residenciais para famílias de baixa renda e atender as demandas da região. No ano de 1992, a União dos Movimentos de Moradia (UMM), através do Movimento de Moradia da Zona Oeste e Noroeste, assinou o primeiro contrato na gleba da Brasilândia para construir o primeiro conjunto habitacional em regime de mutirão com autogestão.

Em 2004, a CDHU através de seu departamento jurídico iniciou uma ação de reintegração de posse contra os ocupantes da gleba da Brasilândia. No mesmo ano o Juiz da Vara Lapa na Capital, concedeu a liminar a favor do Governo para reintegração

³ Informações sobre indicadores e taxas de vulnerabilidade social, podem ser acessadas no site: http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/assistencia_social/pesquisasemapas/0001/0002.

⁴ <http://sp.ummp.org.br>

de mais 2000 unidades. No entanto, a Companhia não conseguiu realizar o despejo conforme determinado pelo Juiz, o que levou à queda liminar. A CDHU recorreu junto ao Tribunal de Justiça que restituiu a liminar. Baseado nesta decisão a reintegração de posse das famílias ficou marcada para o dia 15 de outubro de 2007.

O Movimento participou com centenas de moradores da I Jornada e Pré-jornada da Moradia Digna em fevereiro de 2007, buscando apoio para esta grave situação, junto à Defensoria Pública do Estado de São Paulo e de Seu Núcleo de Habitação e Urbanismo, que desde então, vem defendendo os Moradores, propondo uma ação Civil Pública para que O Direito à Moradia de todos e todas seja integralmente garantido.

Esta experiência de luta, na Região da Brasilândia, na cidade de São Paulo se soma a milhares de outras lutas que ocorrem nas periferias das grandes cidades brasileiras, é uma luta por cidades mais justas, em defesa de direitos básicos, como: saneamento básico, habitação digna e transporte acessível e de qualidade, é uma luta pela reforma urbana.

A seguir foto do local da pesquisa:



Podemos ver nessa imagem, prédios residenciais da região, as casas e a serra.

2.2 - Contexto da pesquisa: situando os participantes no tempo e no espaço

Essa pesquisa teve início numa escola municipal de ensino fundamental, localizada na periferia da zona norte de São Paulo. Criada por movimento de moradores no ano de 1994. Em 2007, a escola tinha 01 diretor, 01 vice-diretor, 02 coordenadoras pedagógicas, por volta de 50 professores, 26 funcionários e mais ou menos 1200 alunos, divididos em 04 turnos.

No segundo semestre de 2007, além do apoio pedagógico com as turmas da 4ª série, houve também uma mobilização para convidar as famílias dos respectivos alunos para uma participação especial e efetiva que consistia em criar um grupo de trabalho com as famílias, onde a escola pudesse ter um maior contato com o mundo familiar de seus educandos.

Para o início desse trabalho, foram convidados um pai de cada série que seriam mais tarde, “os pais colaboradores” e ajudariam no procedimento de ação para o trabalho de aproximação entre família/escola. As reuniões com os mesmos iniciaram-se no dia 18/09/07, e, quinzenalmente, aconteceram encontros na escola com a equipe escolar, equipe PUC e Labor e os pais colaboradores. Esse grupo foi intitulado como: GT Família.

Relendo os relatos das reuniões do Projeto Diálogo de 2006, encontro uma fala do diretor da escola que se refere à dificuldade para atrair os pais para as reuniões dizendo que *“uma das revelações recorrentes entre nós, educadores, é a dificuldade de trazermos a família para dentro da escola. A escola tem tentado, através de algumas alternativas (...). na reunião de pais, a gente tem tentado fazer alguma coisa diferente, apresentar os trabalhos, que foram realizados, a forma de avaliação e uma série de coisas. É uma forma da gente tentar atrair esse pai. Esse pai também só vem, no dia da reunião. (...).”*

A partir desse relato e também dos relatos orais que observamos nos encontros com a equipe escolar, constatamos que a escola já vinha cogitando a idéia de trazer a família para participar dos assuntos da escola que não fosse apenas a reunião de pais.

Relembrando um pouco do histórico da EMEF em relação às tentativas de estratégias de aproximação entre escola e famílias, temos dados colhidos pelos pesquisadores do “Projeto Diálogo” no ano de 2006, onde (Gasonato, 2007) relata em seu trabalho de mestrado essa experiência. Sendo assim, podemos fazer um diagnóstico desse processo com as famílias na escola.

Em 2006 as reuniões com as famílias aconteceram aos sábados por sugestão da coordenação da EMEF e também para garantir o maior número de pais presentes. Foram agendadas quatro reuniões com as turmas de 1ª a 8ª séries, sendo divididas em duas a três séries por encontro.

Essas reuniões foram organizadas da seguinte forma: os pais receberam o convite da escola para a reunião por meio dos alunos, desconhecendo o que seria tratado. Quando chegaram à escola, a proposta do encontro foi apresentada como um momento para falar sobre a educação dos filhos, sobre a escola e a família.

Segundo Gasonato 2007, em sua análise sobre esses encontros, as famílias solicitam serem chamadas pela escola, elas não sabem como se aproximar. Ao mesmo tempo, reconhecem que a escola também não está conseguindo realizar este movimento e depositam no mesmo suas expectativas: a formação de seus filhos, muito mais do que no sucesso escolar.

Ainda comenta que a escola também necessita dessa relação de cooperação com as famílias, pois professores precisam conhecer as dinâmicas e o universo sócio-cultural vivenciados pelos seus alunos, para que possam respeitá-los, compreendê-los e tenham condições de intervirem no seu desenvolvimento.

Diante desses dados, verificamos que, em 2007, houve um recomeço esperançoso de que essas tentativas de aproximação entre família e escola possam continuar caminhando, mas agora, com novas propostas.

a) Caminho para se chegar às famílias

No ano de 2006, é elaborado um diagnóstico participativo de ações educativas e, com base nesse diagnóstico, foram eleitas demandas que se transformaram em plano de ação. Surgem então grupos que se propuseram a pontuar algumas questões como, por exemplo, o Grupo Comunidade – que se preocupou, a partir da constatação da importância de uma gestão participativa e de uma maior integração com a família dos seus alunos, refletir sobre formas de aproximação com as famílias.

O objetivo desta aproximação, para o grupo, foi o de promover uma somatória de esforços e procurar respostas para resolver desde problemas estruturais e funcionais da escola como, por exemplo, a necessidade de se cobrir a quadra e a preocupação com os problemas de aprendizagem que apresentavam um alto índice de alunos não

alfabetizados na escola. Essa preocupação era por parte tanto das famílias quanto da escola.

Já em 2007, o caminho para se pensar em um procedimento de ação para aproximação da escola com as famílias na EMEF surge após a realização de um trabalho que começou no pedagógico com as professoras da 4ª série juntamente com a Coordenação Pedagógica. Foi levantada a necessidade de focar, com maior intensidade, a questão da alfabetização dos alunos ainda não alfabetizados, a equipe pedagógica provocou um movimento que favoreceu um cuidado diferenciado para lidar com essa demanda que aparecia.

Tivemos a oportunidade de acompanhar alguns encontros entre as professoras da 4ª série e a CP, feitos em horários próprios para estudo, onde seriam discutidas formas diferenciadas de estratégias pedagógicas individuais para garantir o avanço desses alunos que caminhavam para a alfabetização.

O trabalho dessa equipe pedagógica obteve sucesso, pois a partir do momento em que as professoras foram modificando a forma como olhavam para os alunos com dificuldade na alfabetização, também perceberam que cada criança aprendia de um jeito diferente e precisava de um acompanhamento especial. A percepção em relação ao trabalho pedagógico mudou, e, junto com isso, o acolhimento e a atenção das professoras puderam despertar nos alunos o interesse em aprender.

O relato das professoras mostrou que o apoio pedagógico das Coordenadoras Pedagógicas da escola e das equipes PUC e ⁵LABOR contribuiu muito para esse novo processo de mudança, como também o esforço e a vontade de querer mudar também são pontos importantes a serem considerados.

Analisaram também que existiam condições anteriores que não dependiam da escola e podiam dificultar o trabalho. Mas também havia o impedimento que poderia ser da própria escola. Quanto aos alunos repetentes, as professoras ainda ressaltaram que existe um preconceito, que eles já vêm marcados pela família, pela escola e por eles mesmos, e esse estigma impede seu progresso, pois muitas vezes a própria criança não confia que vai conseguir.

⁵ LABOR é uma ONG com a missão de contribuir com as escolas públicas na melhoria de seus processos educacionais, que promove o apoio à gestão escolar, através da mediação em processos participativos.

Na mesma reunião em que a equipe pedagógica chegou a essas conclusões citadas acima, pensou-se em realizar o próximo encontro de pais de uma forma mais cuidadosa do que as anteriores onde as professoras pudessem compartilhar essas conquistas com as famílias, mostrando-lhes o caminho que até então foi percorrido e o sucesso obtido nesse caminho, seria também o momento em que as professoras poderiam se aproximar um pouco mais da vida “não-escolar” do aluno.

Essa reunião de pais aconteceu no dia 16 de agosto de 2007 e pôde-se observar nas salas o comparecimento de aproximadamente 80% de mães e pais. A presença da coordenadora pedagógica no momento do encontro teve uma repercussão bastante positiva entre os pais.

A sala foi preparada de uma forma acolhedora e a pauta da reunião enfatizava o trabalho de alfabetização que estava acontecendo, assim como os resultados que já se apresentavam. Houve textos e discussões, café e flores, e no final até lágrimas de satisfação e agradecimento de mães que percebiam a boa mudança que o novo processo pedagógico manifestava em seus filhos.

Numa das salas de 4ª série onde acontecia a reunião de pais, a partir de um comentário sobre “violência” feito pela professora da sala, um pai prontamente se ofereceu para fazer uma palestra sobre o assunto, sendo esta dirigida a outros pais da escola.

b) Procedimento da escola para aproximação com as famílias

A EMEF, conta com o apoio das equipes PUC e LABOR que, quinzenalmente, participam das reuniões pedagógicas com as professoras da 4ª série. Essas equipes defendem também o trabalho de aproximação entre escola e família, pois acreditam que exista uma correlação entre essas duas instituições que pode constatar, dentre outras coisas, o sucesso ou o “fracasso escolar” do educando.

Num dos encontros em que a equipe PUC e LABOR estavam presentes na escola, logo depois que havia acontecido a reunião de pais realizada no dia 16 de agosto, as professoras comentaram os resultados enfatizando o fato de um pai ter se manifestado para dar uma palestra a outros pais. Esse comentário nos chamou a

atenção e absorvemos isso, como um primeiro passo para se pensar num trabalho conjunto com as famílias.

Depois de muita discussão com a equipe pedagógica da EMEF, pensou-se em procedimentos que viabilizassem o encontro de alguns pais colaboradores com filhos na 4ª série e que pudessem, nesse primeiro momento contribuir para a preparação e realização de um encontro mais amplo com os outros pais, não esquecendo da palestra do pai que se prontificou a realizá-la.

Os pais participantes foram indicados e convidados pelas professoras de cada sala de 4ª série constituindo então, um **Grupo de Trabalho – (GT Família)** formado por três mães e dois pais, duas professoras da 4ª série, uma coordenadora pedagógica, duas representantes da LABOR, a coordenadora da pesquisa PUC e a pesquisadora.



Foram realizados quatro encontros com a participação dos pais, onde se formou o GT Família. Desses encontros foram retirados seus depoimentos sobre práticas educativas.

Os pais que colaboraram com esta pesquisa foram aqueles que participaram do GT Família. No item 3.3, serão dados maiores esclarecimentos sobre a participação desses pais.

CAPÍTULO 3 – MÉTODO

3.1 – A PESQUISA QUALITATIVA

*“O que nós vemos das coisas são as coisas.
Por que veríamos nós uma coisa se houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?
(Alberto Caeiro)*

A presente pesquisa se constituiu em uma pesquisa qualitativa de base fenomenológica. Para Martins e Bicudo (2005), a fenomenologia representa, principalmente, um movimento filosófico, cujo objetivo primeiro é a investigação direta e a descrição dos fenômenos experienciados, sem teorias sobre explicações causais e o mais livre possível de concepções prévias e pressupostos. O que está em foco para o observador é o fenômeno situado.

O pesquisador em fenomenologia, não parte de princípios explicativos, teorias ou qualquer indicação definitiva do fenômeno a princípio. Começa seu trabalho, apenas interrogando. Visto que se entende que os fenômenos são *“vividos, experienciados e conscientemente percebidos”*, (Martins e Bicudo, 2005) o pesquisador terá por objetivo reavivá-los, tematizá-los e compreendê-los.

Segundo Critelli (2007), investigar é colocar em andamento uma interrogação, é perguntar o que é e como é alguma coisa (o ser de algo). Portanto uma pesquisa qualitativa de base fenomenológica, busca a compreensão – e nunca a explicação – particular daquilo que estuda. Compreender significa tomar o objeto a ser compreendido na sua intenção total e não na sua representação. Compreender é ver o modo peculiar e único do objeto existir. Em decorrência, este tipo de pesquisa não busca relações lineares de causa e efeito, tão pouco, preocupa-se com generalizações.

A opção pela pesquisa do tipo qualitativa ocorreu devido ao fato de que o foco do trabalho foi investigar o mundo das relações familiares, compreender como se desvelaram sentidos das práticas educativas para as famílias estudadas. Perguntar pelo sentido significa indagar pela iniciativa da pessoa na produção de sua ação o que caracteriza a modalidade qualitativa desta pesquisa.

Como apontam Martins e Bicudo (2005), fenômenos que apresentam dimensões pessoais, como acontece com muitos daqueles que são próprios do campo da

Psicologia, podem ser estudados de forma mais aprofundada numa abordagem qualitativa. Afirmam que, “os estudos assim realizados apresentam significados mais relevantes tanto para os sujeitos envolvidos como para o campo de pesquisa ao qual o estudo desses fenômenos pertence” (p.27).

Rey (2005), nos proporciona uma profunda reflexão e real interesse pela dialogicidade em relação a pesquisa qualitativa e aponta que a Epistemologia Qualitativa (...) é precisamente o ato de compreender a pesquisa, nas ciências antropológicas, como um processo de comunicação, um processo dialógico, característica essa particular dessa ciência, já que o homem, permanentemente, se comunica nos diversos espaços sociais em que vive (p.13).

É por essa razão que se valoriza a “imersão do pesquisador no contexto”, interagindo com os participantes da pesquisa e tentando apreender, dessa relação, os significados por esses atribuídos aos fenômenos investigados (Alves, 1991).

3.2 – Objetivos da pesquisa

O objetivo desta pesquisa consistiu em compreender sentidos das práticas educativas que se desvelaram em famílias de classes populares de um bairro do município de São Paulo. O contato com as famílias pesquisadas oportunizou um olhar para o seu modo de ser com os filhos, como também a busca de sentidos que se desvelaram a partir dessas experiências.

O sentido é entendido, aqui, como o caminho para onde apontam tais práticas, ou seja, o rumo, a direção das práticas configuradas a partir das narrativas obtidas pelas entrevistas com as famílias.

Buscar a compreensão dos sentidos das práticas educativas em famílias de classes populares é também um abrir-se para sua cultura, para o seu mundo considerando seu modo de constituição como ser humano dentro de um contexto social, pois tudo que o homem faz é mediado pela cultura.

Segundo Critelli (2007), habitar o mundo é sempre habitar um modo de se habitar o mundo. Os modos de habitar o mundo com-os-outros estão inscritos nos

signos e são estes mesmos modos que perfazem o que podemos chamar de significação (o mesmo que trama significativa ou, como Heidegger melhor expressaria, o mesmo que mundo).

O mundo define uma realidade e é constituído pela subjetividade, pela singularidade das pessoas com cunho objetivo que constitui uma realidade (Berger e Luckmann, 1983). Então podemos dizer que o mundo é uma realidade social dotada de sentidos e por um processo de interiorização da realidade com significados, criamos uma base para compreender nossos semelhantes e a nós mesmos dentro dela.

Ao perguntar sobre sentidos das práticas educativas das famílias, é bom lembrar que sentido dá-se em situação, isto é, num espaço e tempo, num determinado contexto ou época, portanto, o sentido que se desvelou neste trabalho referiu-se à investigação que aqui se realizou, e de como se deixou revelar à compreensão desta pesquisadora. Há, portanto, a possibilidade de abertura a outras indagações e outras compreensões, pois o fenômeno nunca se esgota, ele se dá em perspectivas, num constante movimento de se mostrar e de se ocultar ao ser inquirido ou buscado (Critelli, 2007).

*“Este **sentido de ser** não é sinônimo de **significado**; embora precise ser expresso através da linguagem para poder **aparecer**. Ele é mais um **rumo** que apela, uma **solicitação** que se faz ouvir, um **apelo** obstinado que se **insinua e persegue...**” (Critelli, 2007)*

Sentidos carregam valores e a implementação dos mesmos visa explicar e regular significativamente a conduta do indivíduo tanto na relação com o mundo, quanto na superação de eventuais crises (Berger e Luckmann, 2004).

Os autores ainda afirmam que, as tradições fazem parte do sentido e da experiência da pessoa na medida em que conferem elementos de sentido modelados historicamente nas vertentes mais antigas do agir social, e definem como acervo social de conhecimento. Colocam também que o sentido do agir e da vida é imposto como regra óbvia de conduta de vida, que a todos obriga. Dessa maneira, por exemplo, se define inquestionavelmente o relacionamento entre pais e filhos. Estes geralmente se conformam; desvios são claramente definidos como desvios da norma.

Para Berger e Luckmann (2004), o sentido se constitui na consciência humana: na consciência do indivíduo, que se individualizou num corpo e se tornou pessoa através de processos sociais. A consciência segundo os autores, somente existe enquanto dirige sua atenção para um objeto, um objetivo.

O “Vocabulário técnico e crítico da filosofia” (1999), nos diz que sentido é consciência moral, enquanto poder de apreciação e de discernimento.

Podemos compreender então, que os sentidos são produzidos nas diversas práticas educativas, possibilitando-nos entender pensamentos, padrões sociais, valores e posicionamentos das pessoas, como também descobrir como essas pessoas constroem formas de agir no mundo real.

Como objetivos secundários, teremos a descrição das práticas educativas apresentadas pelos pais e a compreensão de como essas práticas se mostram quanto a valores e crenças a elas associadas.

3.3 – As famílias participantes da pesquisa

No segundo semestre de 2007, durante o desenvolvimento do projeto apoio pedagógico para as turmas da 4ª série, houve também uma mobilização para convidar as famílias dos respectivos alunos para uma participação especial e efetiva que consistia em criar um grupo com os mesmos, no qual a escola pudesse ter um maior contato com o mundo familiar de seus educandos e as famílias conhecessem melhor as propostas escolares.

Como participantes para o início daquele trabalho, foram convidados um pai ou uma mãe de cada série, “os pais colaboradores”, que ajudariam no procedimento de ação para o trabalho de aproximação família/escola. As reuniões se iniciaram no dia 18/09/07, e, quinzenalmente, aconteceram encontros na escola com as equipes escolar, PUC e Labor e os pais colaboradores. Esse grupo foi intitulado como: GT Família.

Para participar da presente pesquisa, foram convidadas duas famílias dos pais colaboradores:

- uma mulher casada e mãe de uma aluna da 4ª série, 43 anos, trabalha em casa e atua na igreja que frequenta, tem duas filhas com idades de 11 e 17 anos e, de acordo com seu depoimento, foi a primeira vez que atuou como mãe participante na escola das filhas;

- um homem casado e pai de uma aluna da 4ª série, 48 anos, vereador comunitário⁶ da região em que mora, tem dez filhos com idades de 10, 11, 13, 14, 15, 19, 21,22 e 23 anos. Já participou como conselheiro e palestrante em outras escolas públicas onde seus filhos estudavam e, segundo ele, em suas palestras enfatizava o tema sobre o combate às drogas e à violência.

Esse mesmo pai foi aquele que se ofereceu em uma reunião anterior, de uma das salas da 4ª série, a fazer uma palestra sobre “Caminhos para a Paz”. Esta palestra aconteceu em novembro de 2007, dia do grande encontro entre os pais das quartas séries, organizado pelo GT Família.

Moradores da Vila Brasilândia, as famílias participantes prontamente se dispuseram a colaborar com a pesquisa quando foram convidadas.

3.4 – Procedimento de coleta de dados

Tivemos uma importante entrevista piloto, que antecedeu e subsidiou os momentos oficiais de coleta de dados. Essa entrevista piloto⁷ foi realizada com uma família com características semelhantes a das famílias participantes e nos apontou questões interessantes e relevantes para o nosso estudo. Foram desvelados sentidos de práticas educativas que enfatizavam fortemente a responsabilidade do papel assumido pelos pais entrevistados.

A presente pesquisa foi composta por dois momentos de participação das famílias:

1º momento - os pais colaboradores contribuíram com seus depoimentos que foram coletados em reuniões do GT Família, que em 2007 era formado por três mães e dois pais de alunos da 4ª série.

⁶ Representante de moradores nas questões sociais do bairro.

⁷ Encontra-se no cd, como as demais entrevistas.

2º momento – foram realizadas entrevistas, segundo procedimentos éticos (vide anexo) com uma proposta reflexiva, nas quais duas famílias relataram sobre suas práticas educativas com os filhos.

Reuniões com GT Família na EMEF com a presença dos pais entrevistados	Entrevistas com as famílias nas casas
18/09/2007 – apresentação da proposta;	Família 1 entrevista 01/04/2008
02/10/2007 – organização do encontro amplo com as famílias das 4ª séries;	Família 1 devolutiva 08/04/2008
30/10/2007 – definição do formato do encontro com as famílias	Família 2 entrevista 23/03/2008
24/11/2007 – realização do 1º encontro entre família e escola organizado e pensado com a colaboração das famílias.	Família 2 devolutiva 11/05/2008

3.5 - Instrumentos utilizados:

- Depoimentos coletados em encontros coletivos do GT Família na E.M.E.F.;
- Entrevista Reflexiva.

a) Depoimentos durante os encontros coletivos na EMEF

Os pais colaboradores integrantes do GT Família foram indicados pelas professoras de cada sala de 4ª série. O objetivo era que eles também fossem multiplicadores dessa iniciativa de aproximação entre a escola e as famílias.

As reuniões com o grupo foram previamente programadas pela equipe PUC e compartilhadas com o GT que se formou. Sabíamos que a prévia programação poderia ser modificada a partir do momento que fosse compartilhada com o grupo.

Nos depoimentos que surgiram desses pais, observou-se o que emergia de suas práticas educativas com os filhos. Depoimentos estes que foram registrados e utilizados como primeiro passo para coleta de dados dessa pesquisa.

Síntese dos encontros:

Reunião dia 18/09/07

Presentes:

- Labor: duas representantes
- PUC: duas representantes
- Pais: duas mães e dois pais
- Professoras: duas professoras
- Coordenadora pedagógica

Ao chegarmos à escola para a reunião que teria início às 9 da manhã, o pai que se prontificou a dar a palestra já estava no portão da escola, logo entramos para sala de reuniões e ele quis ficar para participar também do 1º momento.

Essa foi a 1ª reunião com a presença dos pais colaboradores. Retomando o encontro do dia 04/09/07 com as professoras da 4ª série, um dos objetivos era indicar pais que pudessem, num primeiro momento, ser colaboradores para ajudar a preparar uma reunião ampla com a presença de outros pais.

O encontro foi dividido em duas partes: a) das 9h às 10h abordou-se questões de cunho pedagógico; b) e das 10h às 11h, abordou-se questões referentes à preparação da reunião de pais. Optou-se por esta seqüência, pois tínhamos a informação de que alguns pais só chegariam mais tarde. Levou-se em consideração também o fato de que o pai então presente, sendo consultado, disse não se incomodar com esta ordem e que, inclusive, tinha interesse em participar da discussão sobre as questões pedagógicas.

Os pais colaboradores foram informados das razões pelas quais foram chamados e convidados a participarem da organização e planejamento do evento com as famílias. O pai palestrante contou-nos sobre as suas idéias em relação ao tema sobre o qual se propôs a fazer na fala. Estas se mostraram consonantes com os princípios adotados pela equipe da PUC. Passou-se em seguida para a preparação do evento.

Ao final da reunião saíram os grandes encaminhamentos:

- 1º Preparação da reunião (divulgação com a ajuda dos pais colaboradores);
- 2º Planejamento da reunião ampla (tempo, ambiente, produção em geral);
- 3º A reunião.

Nessa reunião os pais não se manifestaram sobre práticas educativas com seus filhos. Em suas falas predominaram a organização do evento.

Reunião dia 02/10/07

Presentes:

- 2 representantes PUC
- 2 representantes LABOR
- 2 professoras
- 2 mães e 2 pais

O objetivo dessa reunião foi discutir e finalizar o formato do encontro amplo com os pais das quartas séries, cujo tema seria: “Caminhos para a paz”.

Foram acertados os detalhes para a reunião.

- Analisaram-se as respostas dos bilhetes que foram enviados aos pais perguntando-lhes sobre a preferência em relação a dia e horário que fosse melhor para a participação na reunião ampla. Considerando a maioria das respostas definiu-se que a mesma seria num sábado, no período da manhã. Seria preparado um café da manhã para recebê-los.
- Necessidade de esclarecer às crianças sobre o objetivo da reunião para que estas não temessem entregar o bilhete com o convite aos pais.
- Convite: deveria constar data, horário, motivo (“Caminhos para a paz”) e que haveria um café da manhã.
- Decidiu-se o formato da reunião;
- Definiu-se como avaliar o encontro: sugestão de avaliação no próprio evento e depois com as crianças, por meio de entrevistas.

A maioria das falas dos pais referiram-se à organização do evento e, ainda nesse encontro tivemos um pai que se manifestou para falar sobre práticas educativas com os filhos em sua casa.

A única fala referente à prática educativa na família foi a seguinte:

“Um dos maiores objetivos é os pais chegarem em casa e saber o que é que o filho fez durante o dia, qual foi a obediência do filho na escola, a desobediência do filho na escola, tudo faz parte do dia a dia.” (comentário de um pai colaborador na reunião do dia 02/10/07)

Reunião dia 30/10/07

Presentes:

- PUC: 1 representante
- Labor: 2 representantes
- Professoras: 2 professoras
- Pais: 1 mãe e 1 pai

Nesse encontro foi decidido, coletivamente, o formato final da reunião ampla que aconteceria no dia 24/11/07, foram delegadas tarefas para os pais que ligariam e fariam pessoalmente com os outros pais das quartas séries, e as professoras ficariam com a organização interna.

Nesses encontros percebemos pouca manifestação verbal dos pais colaboradores nas reuniões do GT Família, pois, ao buscar depoimentos nas transcrições de fita que fizemos, apontou-se uma limitação nessa forma de participação. O ato de participar mostrou-se mais fervoroso na ação do fazer, no agir fisicamente, portanto o modo no qual os pais se sentiram mais a vontade, com o qual mais se identificaram foi na ação, no fazer. Por exemplo, numa das reuniões em que foi decidido o formato do encontro mais amplo com os outros pais das quartas séries, os pais colaboradores manifestaram-se muito mais quando souberam que podiam fazer as ligações convidando os outros pais, ofereceram-se para estar na escola um dia antes dessa data para saber como caminhava a organização do espaço e ficaram também animados com a idéia de recrutar pessoalmente os outros pais e até pedir ajuda do comércio local.

As falas dos pais referiram-se sobre a organização do evento.

b) Entrevista reflexiva com as duas famílias de pais colaboradores.

Para atender aos objetivos da presente pesquisa, também foi utilizado como procedimento de coleta de dados, a entrevista reflexiva. O procedimento desse tipo de

entrevista pode ser considerado uma entrevista semi-estruturada (dirigida), não tem roteiro fechado, baseia-se fundamentalmente na fala do entrevistado. Embora essa fala seja livremente expressa, o entrevistador teve um intuito: focalizar sentidos de práticas educativas para essas famílias. Para isso foram realizados dois encontros: um para a primeira entrevista e outro para a devolutiva dos dados apresentados.

Acredita-se que, com este procedimento, além da promoção de um cuidado ético com os participantes, se estará aprimorando a fidedignidade dos dados, já que é aberta ao entrevistado a possibilidade de rever sua fala, refletindo sobre ela, e de modificá-la, complementando, negando ou reafirmando-a de acordo com sua vontade.

Os passos para a entrevista reflexiva foram os seguintes: depois da apresentação e breve discussão do Termo de Consentimento Livre e esclarecido, foi feito o que na entrevista reflexiva chamamos de aquecimento, no qual a intenção é criar um clima mais descontraído para também ir se aproximando da pergunta geradora.

No presente estudo com foco na família e suas práticas educativas, primeiramente foi solicitado que as famílias participantes contassem um pouco sobre o seu cotidiano, assim como algumas características tais como, componentes, idade dos filhos e uma breve descrição sobre cada um deles.

O processo de aquecimento serviu de base para a elaboração da questão desencadeadora, no qual a pesquisadora pôde ter um olhar e um ouvido cuidadoso e atento. A questão desencadeadora foi a seguinte: “Gostaria de saber como você faz para educar seus filhos”. Dentre outras questões que emergem das narrativas dos participantes, surge também outra questão de grande importância para o tema investigado: “Como você faz para que seu filho aprenda o que você quer ensinar”.

A narrativa, na entrevista reflexiva, é entendida não apenas como um discurso, mas é o encadeamento de sentidos de diversas experiências com o mundo, logo toda narrativa tem um sentido e traz a relação entre as experiências em que cada fala é reinventada e expressa um encaminhamento de sentidos pelo si-mesmo. Bruner (1997) nos alerta que as pessoas “*transformam em narrativa sua experiência do mundo, assim como o papel que nele desempenham*” (p.100).

Além de indicar sua compreensão de forma gradativa, sem julgamento, o pesquisador nesse tipo de entrevista, deverá manter sempre o foco do problema estudado em sua pesquisa.

Szymanski (2004) aponta que a entrevista é um momento de organização de idéias e de construção de um discurso para o interlocutor, caracterizando um caráter de recorte da experiência, reafirmando a situação de interação como geradora de um discurso particularizado. Portanto, é na interação entrevistador e entrevistado, proporcionada pela entrevista, que se constrói de forma específica o conhecimento sobre determinado assunto ou tema.

A intenção com a escolha dessa abordagem metodológica foi valorizar as vozes dos participantes e as interações que foram desenvolvidas com a pesquisadora, ou seja, o campo da intersubjetividade que é favorecido por esse tipo de pesquisa.

Em uma das entrevistas realizadas, contamos com a presença de um observador, cujo papel foi descrever o momento da entrevista, considerando o ambiente, as interferências e reações das pessoas presentes. Foi uma contribuição muito valiosa, pois se observou e relatou-se o que o entrevistador não teve condições, pois a atenção estava voltada ao entrevistado.

3.6 - Trajetória para marcar as entrevistas

A pesquisadora já havia tido contato pessoal com os representantes das famílias entrevistadas. Esse contato prévio foi possível devido aos encontros na escola onde esses pais participaram como colaboradores.

- **Família de Olga⁸ – 1º encontro**

A entrevista com a família foi marcada por telefone, e segundo a participante, seria bom que o nosso encontro acontecesse no dia seguinte dessa primeira ligação. Assim foi feito segundo o combinado.

⁸ Nomes fictícios

- **Família de Olga – 2º encontro (devolutiva)**

Uma semana após nosso primeiro encontro, foi marcada a devolutiva com a família de Olga. Um dia antes liguei para confirmar a visita à casa da família participante, e ao falar com Olga, ela me disse que teria uma consulta médica naquele dia, então propus que nos encontrássemos um pouco mais cedo e que a visita dessa vez, poderia ser mais breve do que a primeira. Estando de acordo com a proposta, no dia seguinte, eu estava lá.

- **Família de Pedro – 1º encontro**

O primeiro contato com a família do entrevistado foi por telefone. Na 4ª feira dia 19 de março de 2008, liguei pela primeira vez, em sua casa por volta das 10 da manhã, e fui atendida por uma de suas filhas que me disse que o pai não se encontrava e que eu poderia retornar a ligação às 18 horas, pois, possivelmente, o encontraria.

No horário combinado, voltei a ligar e desta vez fui atendida por uma mulher de nome Jacira, esta, esposa de Pedro. Fui muita bem acolhida por ela que, atenciosamente, pediu para que eu retornasse a ligação às 21 horas, pois seu marido com certeza estaria.

Liguei novamente no horário combinado e encontrei Pedro, disse a ele que gostaria de convidá-los para uma entrevista e que esta fosse em sua casa, se não houvesse problema. Muito atencioso, aceitou dizendo que se colocaria a disposição para o que fosse preciso.

Ao mesmo tempo em que falava comigo ao telefone, falava também com sua esposa e dizia que toda a família teria que estar reunida, pois nosso trabalho era sério e que eles tinham obrigação de colaborar com a pesquisa, pois, segundo ele, educação e o público são coisas muito importantes.

Todos estando em comum acordo, perguntaram se a entrevista poderia acontecer dentro de 20 dias, pois estavam de mudança, haviam comprado um apartamento ali na região, e os móveis já estavam todos encaixotados. Sugeri que fosse dias antes do prazo sugerido por Pedro, ele aceitou e disse que poderíamos fazer a entrevista em seu apartamento novo, pois fazia questão que conhecêssemos sua nova casa que estava quase pronta para morar.

Marcamos a entrevista no domingo de páscoa, 23 de março de 2008, dia sugerido pela família, às 16 horas, pois havia a promessa de que sua esposa e alguns de seus 10 filhos também pudessem estar presentes.

Um dia antes liguei para confirmar a entrevista. No dia marcado, no período da manhã, liguei para a casa da família mais uma vez para confirmar o encontro, e em todas as 12 vezes que liguei, não encontrei o casal. Mesmo assim fui. Saí da zona leste de São Paulo, onde moro, a distância da minha casa até o local do encontro para a entrevista, é de 64 Km de carro, de ônibus levo mais ou menos 3 horas. A nova casa da família fica perto da EMEF Ernani, onde aconteceu o trabalho com o grupo do Projeto Diálogo – ECOFAM.

- **Família de Pedro – 2º encontro (devolutiva)**

No dia 23 de março de 2008, foi realizada a entrevista com Pedro, tal entrevista estava prevista para ser realizada com a participação de alguns membros da família, mas no dia contamos apenas com a presença de Pedro. Realizamos a entrevista, porém, após a transcrição e uma análise prévia dos relatos do entrevistado, percebemos a necessidade de conversar também com sua esposa e filhos, para um maior aprofundamento e enriquecimento da busca e compreensão do sentido das práticas dessa família.

Assim foi feito e no dia 11 de maio de 2008, após muitas tentativas para a marcação desse encontro, foi realizada a devolutiva com a participação de Jacira – esposa de Pedro, a filha mais nova, o filho mais velho e sua esposa, dois netos e o sogro do filho mais velho.

3.7-Síntese dos encontros de entrevista⁹

Serão apresentadas a seguir, as sínteses das entrevistas e devolutivas com as famílias participantes. O relato será feito da seguinte forma, primeiro serão

⁹ As transcrições serão apresentadas à banca examinadora e encontram-se em poder da pesquisadora e do grupo de pesquisa. Poderão ser consultadas por pesquisadores interessados no tema . pedpos@puccsp.br

apresentadas a entrevista e devolutiva com a família de Olga e, a seguir, com a família de Pedro.

- *Entrevista – família de Olga:*

Cheguei em sua casa, mais ou menos, 10 minutos antes do horário combinado e ao me aproximar da porta de entrada, saíam um rapaz e uma criança, que, depois fiquei sabendo, era um amigo da família que levaria uma das filhas de Olga para escola.

Ao entrar, fui recebida com um beijo e um abraço, Olga disse que estava acabando de arrumar a casa para me esperar, e que também já tinha combinado com o amigo para que levasse a filha à escola, pois quem levava a menina diariamente era a própria mãe.

A casa se encontrava cheirosa e arrumada, parecia que até o lugar que eu iria sentar já estava programado, pois quando entrei, imediatamente Olga me apontou o local em um dos sofás e disse: “Aqui tá bom pra você?”.

Após uma breve conversa sobre a vizinhança, relembramos sua atuação na EMEF como integrante do GT Família no ano de 2007, comentamos também a repercussão do grande encontro (vide anexo) que aconteceu em novembro do mesmo ano, organizado pelo Grupo, e que contou com a presença de muitas outras famílias dos alunos das quartas séries.

Foi apresentado à participante o Termo de Consentimento, no qual também se discutiu sobre o tema da pesquisa, depois de sanada todas as dúvidas inicia-se a entrevista reflexiva.

No momento inicial da entrevista estava presente apenas Olga, que justificou a ausência de seu marido devido ao trabalho. Aproximadamente 20 minutos depois chega o amigo da família com Fernanda, 12 anos, filha mais nova de Olga, eles voltavam da escola, pois não havia tido aula para a criança naquele dia. Os dois também ficaram no mesmo ambiente e participaram com olhares, gestos e poucos comentários, sendo a maioria deles confirmando o que Olga relatava.

Quando a entrevista já estava no final, chega a filha mais velha de Olga que também contribuiu com breves depoimentos.

Iniciamos a entrevista e Olga fez uma rápida descrição de cada uma de suas filhas (idade, nome,...). Foi solicitado à entrevistada que ela detalhasse como faz para educar suas filhas, e no decorrer da entrevista, observou-se que, por muitas vezes, em sua fala, Olga diz que a “conversa” é utilizada em sua família como um instrumento na relação, seja com as filhas ou com outros.

Apoiando-se na proposta de entrevista reflexiva, comento minha compreensão em relação a fala de Olga, dizendo se ela estaria defendendo a “conversa” como um modo de agir com suas filhas. A entrevistada responde afirmativamente e continua seu relato.

Na medida em que a entrevistada ia falando, surgiam sempre novas compreensões que, vez ou outra, dirigindo-me à Olga, pedi um maior esclarecimento. Quando foi pedido um exemplo real que aconteceu em sua casa e como ela fez para educar suas filhas, a participante fez o seguinte comentário: *“Agora é a parte que eu mais gosto rsrsrs”*.

Após um relato muito importante sobre o modo de agir com uma das filhas, no qual a menina, num determinado dia, disse para a mãe que queria sair por aí e conhecer o mundo, pergunto à Olga como ela descreveria sua família hoje, depois de tantas experiências, e, dentre outros relatos, ela disse: *“Muito diferente, sabe por quê? Porque eu comparo muito com as famílias das minhas irmãs e tem muita diferença. Eu vim de uma família, em que minha mãe sempre foi obediente aos pais dela, então eu procurei trazer aquela educação que ela deu pra nós, pra dentro da minha família. O meu esposo foi criado em berço evangélico e o pai dele era rígido, só de olhar também, já tinha que obedecer. A mãe dele era tão brava que só de olhar... Então vejo assim, que as minha eu posso dizer que é diferente. Eu estou procurando trazer elas no caminho certo, na obediência, pra quando elas tiverem os filhos delas mais tarde, elas procurarem trazer a mesma educação, a mesma obediência que nós procuramos trazer”*. (Olga)

A participante relata, dentre outras coisas, que a educação recebida pelos pais dela e de seu esposo, teria grande influência em seu modo de agir com as filhas. Em sua fala fica claro o desejo de continuidade desse tipo de educação na vida das filhas.

A família de Olga possui uma crença evangélica, os ensinamentos da igreja e o temor a Deus são referências para implementação das práticas educativas. Pelos exemplos comentados, a família segue fervorosamente esses princípios.

Quando íamos encerrar nossa conversa, chega Mariana, 17 anos, filha mais velha de Olga. Apresento-me, mas segundo a moça, ela já sabia quem eu era, pois sua mãe havia comentado que eu estaria lá naquele dia e o que faria naquela visita. Mariana, muito atenciosa sentou-se conosco na sala e enquanto sua mãe foi buscar um suco, começamos a conversar sobre a entrevista.

Enquanto conversávamos, Olga voltou com o suco e nos interrompeu dirigindo-se à filha e dizendo que havia contado na entrevista o dia que ela queria sair e conhecer o mundo. Aproveitando o comentário, perguntei à Mariana como ela compreendia a educação que seus pais lhe davam. A moça, dizendo-se contente com o tipo de educação recebida, comenta também que lamenta que suas primas e amigas não tenham tido uma educação parecida com a que sua família lhe dá, pois segundo Mariana, as meninas poderiam ter evitado alguns aborrecimentos em suas casas.

Devolutiva:

Segundo (Sarti,2007), as entrevistas constituem, sobretudo uma oportunidade singular nas vidas das pessoas pesquisadas, de falar e, principalmente de serem escutados. São uma prova rara do reconhecimento de sua existência por alguém que não pertence a seu mundo (p.24).

Encontrava-se na casa, sua filha mais nova e o amigo do último encontro, uma “irmã” da igreja, que segundo Olga, era massagista, e uma vizinha que foi para ser massageada. Ao avistar Olga percebi seu rosto meio abatido, diferente do nosso último encontro. Perguntei como ela estava, como resposta, me disse que estava com muita dor em uma de suas pernas e que no quarto, a aguardava uma senhora de sua igreja, que tinha ido fazer massagem para aliviar sua dor.

Pergunto então se minha visita atrapalharia, e a participante disse que já me aguardava e fazia questão da minha permanência, pois estava curiosa para saber como aconteceria aquele momento.

Saem do quarto de Olga duas mulheres e uma vai embora. Fernanda, a filha mais nova, sai para ir à escola com o amigo da família, ficando na casa apenas Olga e a amiga massagista, iniciamos então nossa conversa.

Nesse segundo encontro, retomamos o objetivo da entrevista que era saber como a família faz para educar suas filhas, ressaltando-se também a intenção de apresentar à Olga a compreensão que tive a partir de suas falas e de abrir a possibilidade de refletir, complementar, rever, confirmar ou negar o que tinha dito.

Nas narrativas apresentadas pela entrevistada, o conceito de obediência foi muitas vezes ressaltado em sua fala e isso me chamou atenção, indaguei à Olga para que me falasse um pouco mais sobre sua compreensão quando por diversas vezes ela falava sobre obediência. Olga achou interessante essa indagação, pois me disse que quando eu havia saído de sua casa no primeiro encontro, ela ficou pensando se eu realmente tinha entendido quando ela falava sobre tal questão. Relembra então, de algumas experiências vividas com sua família em que sugeriu para que eles realizassem alguma tarefa de um jeito sugerido por ela, e não atendendo às suas sugestões acabaram se prejudicando. A entrevistada atribui essas conseqüências à desobediência, pois disse que se as pessoas tivessem ouvido o que ela falou, isso não teria acontecido. *“Se eu falei que não vai dar certo, obedece. Dá ouvido né, então não obedeceu, quebrou a cabeça lá na frente” (Olga)*

Uma outra questão que veio à tona nessa devolutiva foi a utilização da conversa como uma ação disciplinar naquela família. Volto-me à entrevistada e peço para que me fale um pouco mais sobre sua compreensão quando falava que defendia a conversa na relação com suas filhas e marido. Olga olha para a amiga que estava conosco naquele ambiente, e faz um pequeno comentário no qual relembra que falava com a amiga sobre esse assunto no dia anterior ao nosso encontro. Ela esclarece que a conversa é vista por ela como uma forma de entendimento na relação, pois, por não defender a agressão física como uma prática educativa, vê na conversa uma forma de respeito e aproximação das soluções dos problemas. *“A gente não resolve as coisas na*

paulada, xingando um ao outro, ficar de cara feia. O que adianta é sentar e conversar que se esclarece tudo”. (Olga)

E para finalizar a devolutiva, mais uma grande questão foi retomada do depoimento feito por Olga no primeiro encontro, o que nos levou a um maior aprofundamento quando recordamos o assunto sobre “o mundo lá fora”, e mais uma vez, pedi que me contasse mais sobre como ela vê esse conceito tantas vezes dito por ela.

Olga, ao iniciar sua reflexão sobre “o mundo lá fora”, lembra-se da influência de sua religião em relação a esse assunto, pois disse primeiramente que as pessoas se mostram felizes momentaneamente com as coisas que o mundo oferece, mas que felicidade verdadeira só existia em Deus. Ela ainda disse que o “mundo lá fora” só tem a oferecer coisas que ela e seu esposo não consideram boas para suas filhas, ressaltando que não quer vê-las em situações que considera ruim como por exemplo drogas, prostituição e pessoas desonestas. Indago a Olga que, mesmo ela considerando as influências do mundo lá fora como uma forma negativa, se ela confiaria na educação que deu para as filhas como uma forma de defesa para as meninas quando estivessem frente a esse mundo não aceito por ela.

Por alguns segundos Olga se cala, talvez um momento de maior reflexão, logo me diz que confia plenamente na educação implementada pela família, e que reconhece que exista alguma coisa boa no “mundo lá fora”, mas que, mesmo assim, o que ela acredita que seja realmente bom para suas filhas, é a família e a igreja e volta a falar: *“Lá fora não tem nada pra nos oferecer de melhor, então a gente tem que mostrar a diferença, a diferença como: “Eu não faço isso porque meus pais não deixam!”. O mundo lá fora que eu vejo, não tem nada pra oferecer de bom. Compreendeu?”*

- *Entrevista - família de Pedro:*

Cheguei ao local às 15 horas, encontrei um condomínio com seis prédios novos, onde segundo informações dos próprios moradores, a inauguração e a mudança das famílias proprietárias estavam acontecendo há apenas quatro meses e ainda ocorria, pois tinham famílias que estavam em mudança, como no caso da família pesquisada.

Entrei e fiquei aguardando a chegada da família participante. Enquanto aguardava, conheci alguns moradores que me contaram a luta do mutirão para a construção daquelas residências.

Por volta das 16 horas começa a chover muito e os moradores me convidam a entrar e aguardar na sacada do prédio, um morador e sua esposa me oferecem um café enquanto aguardava a família de Pedro. Logo em seguida, um colega e pesquisador do Grupo ECOFAM que me auxiliou nesse encontro chega, e juntos aguardamos a vinda da família esperada. A chuva continuava ainda muito forte e, por volta das 17:30h, Pedro chega sozinho.

Entramos em sua nova casa, ele pede desculpas pelo atraso, nos mostra com sorriso sua casa em reforma e segundo ele, quase pronta, pois queria fazer tudo ao seu gosto e de sua esposa antes de mudar com a família.

Minutos depois que entramos na casa, chega também um dos senhores que fiquei conversando enquanto aguardava a família participante, o mesmo é recebido calorosamente por Pedro que o convida para ficar por ali naquele momento conosco.

A entrevista aconteceu na sala da casa, estavam presentes no local, eu, o colega pesquisador, Pedro e seu vizinho. Na casa não havia objetos para sentarmos, tínhamos o chão, se fosse o caso. O vizinho senta-se no chão, o pesquisador que me auxiliou, senta-se numa caixa que havia por lá, Pedro e eu ficamos por ali de pé, como preferiu o entrevistado.

Inicio perguntando o motivo da ausência de sua família, e rapidamente, Pedro diz que os muitos afazeres que sua esposa e filhos tinham, impediram a presença como o combinado, não entrou em detalhes. Conversamos brevemente sobre sua valiosa participação no GT Família e a palestra por ele realizada no encontro com as famílias dos alunos da 4ª série. O entrevistado aproveita a oportunidade para comentar sobre suas atividades como vereador comunitário naquela região.

Cumpridas as exigências formais, pergunto a Pedro o nome dos filhos pedindo a descrição dos mesmos. Ele conta que tem 10 “filhos que Deus me deu” até os seus 47 anos. Em resposta ao pedido de descrição Pedro fala sobre a importância da educação (parecendo se prender ao tema da conversa – o que fora primeiramente proposto – e não responde à pergunta feita). Quando a fala é concluída, reitero a indagação

referente ao nome e descrição dos filhos, ao que ele recita o nome de cada um, fazendo elogios individuais aos mesmos. A descrição não ocorre – ou se limita aos elogios feitos a cada nome.

Dando continuidade à entrevista, pergunto como Pedro faz para educar seus filhos. Logo ele responde que, *“nos meus filhos eu não bato porque eu educo só nas palavras (...)”*. Ele alega realizar reuniões com todos e aproveita para dizer que é uma pessoa admirada por seus filhos.

Pedro continua sua fala sobre educar, mantendo a mesma idéia de não bater, mas conversar com a criança. Outras pessoas passam lá fora e ele acompanha seu deslocamento enquanto ainda fala. A porta do apartamento permanece aberta ao seu máximo desde o momento em que entramos e é por essa abertura que ele observa os transeuntes.

Em seu relato, Pedro diz que quer sempre o “bem” de seus filhos e lhe peço para me explicar um pouco mais quando ele fala isso. O pai coloca a importância de “corresponder com sua família”, sendo que, para isso, eles devem ter objetivos corretos para que possam ser apoiados.

Continua dizendo que os filhos não têm acesso à bebida em casa e que dois deles fumam, mas por influência da mãe. Ele diz não aprovar, porque sabe o que tal hábito causa e não deixa que os filhos fumantes façam isso em casa.

Dando seqüência a nossa entrevista, peço um exemplo de uma situação de conflito que tenha acontecido em sua casa com seus filhos e o modo como os pais agiram frente a tudo isso.

Pedro conta o caso no qual dois de seus filhos brigavam e a mãe, a despeito de suas repreensões, não teria sido capaz de apartar a briga. Quando o pai chegou separou os filhos, sentando-os em lados opostos de uma mesma sala e questiona o que se passara com colocações como *“você são gente, né? (...) gente tem que ter dignidade! Vocês não são bichos!”* Os filhos tentariam contar, cada qual, a sua versão do ocorrido, mas o pai não atenta em ouvi-los e exige que se reconciliem, o que fazem por influência do pai. Entre lágrimas os dois filhos se abraçam e se beijam. Alegre o pai comenta: *“esse é o Brasil (...). O Brasil precisa de paz! A violência não funciona!”*

A seguir, Pedro fala sobre a necessidade de passar a experiência que tem de vida para seus filhos e afirma que “*de minuto em minuto eles me ligam(...)*” – o que poderia indicar uma proximidade entre pai e filhos, bem como a dependência do pai para solucionar determinadas situações. Essa proximidade se reflete na colocação seguinte: “*são absolutamente correto com o pai que têm e com a mãe que têm (...). Pedem bênção e dão beijo e abraço*” para cumprimentá-los independentemente do local em que se encontram, o que é muito valorizado por Pedro: “*Hoje tá difícil um filho dá um beijo no pai.*”

Essa parte do discurso parece também demonstrar que José Antônio tem prazer em receber essas demonstrações de afeto e respeito em público: “*Esse é o filho que eu eduquei!*” .

Quando pergunto pela idade dos filhos, o entrevistado responde 9 idades distintas de forma pausada (a saber: 23, 22, 24, 13, 14, 15, 16, 17 e 19 anos), as interrompe-se dizendo que “*Pra lembrar todos tem que ter um papel atualizado*”.

Sabendo que Pedro é avô de 12 netos, pergunto se seus filhos lhe pedem conselho para educar os netos. Ele responde que tem liberdade em dar tais conselhos e que, para tanto, chama a esposa do filho, juntamente com o mesmo (filho) e conversa: “*Bater não é a resposta (...)*”. Como exemplo ele coloca que “*bandidos*” apanham e não se alinham com as exigências da sociedade e que a razão para tanto é que “*Bater não educa*”.

O entrevistado traz também sua experiência com trabalhos na FEBEM, salienta ainda que naquele ambiente não havia respeito.

Mais uma vez, para checar se a compreensão que teve da colocação foi acertada, pergunto se a conversa seria a melhor solução para Pedro, o que ele confirma de pronto.

A questão seguinte refere-se aos sentimentos do entrevistado quanto à educação que pôde proporcionar aos seus filhos. Este se declara “*feliz*”, pois estes seguem o caminho para se tornarem cidadãos.

Encerramos a entrevista pedindo um novo encontro a fim de dar uma devolutiva, e ter a oportunidade de falar, da próxima vez, com a presença de sua esposa ainda ressaltando que seria interessante se pudesse conhecer, ao menos, parte de sua família.

Ele, por sua vez, argumenta que queria já estar na casa nova no próximo encontro e enfatiza que tem de falar com os filhos que trabalham para ver a disponibilidade dos mesmos. O interesse em que a entrevista se desse após a mudança, deve-se ao fato de que no local onde ainda mora haveria “*muitos curiosos!*”.

- *Devolutiva – família de Pedro*

Cheguei em sua casa 30 minutos antes do horário combinado, encontro, Pedro que estava saindo, fiz um sinal para ser notada e fui conversar com ele, que disse que estava indo buscar sua família na outra casa para nossa entrevista.

Enquanto aguardava a família chegar, encontrei alguns moradores do conjunto habitacional que conheci quando estive por lá e que, mais uma vez, me fizeram companhia. Passados exatamente 56 minutos, chega a família e, com isso, também minha alegria por vê-los e por terem ido ao nosso encontro.

Entramos na casa e Pedro me apresenta sua família, diz que já explicou tudo o que aconteceria e que todos ali estavam ansiosos em querer participar daquele momento. Apresento-me e, em seguida, explico o trabalho e todo o caminho já percorrido até ali, com aquela família.

Ao iniciar a devolutiva, apresentando minha compreensão sobre os relatos de Pedro, aproveito para perguntar à Jacira como ela faria para educar seus filhos, no que me responde o seguinte: *“Olha Shirley, meus filhos são ótimos, não me dão trabalho, também, eu converso com eles e digo como eles têm que viver e digo a eles que eles têm que viver como eu fui criada. Minha mãe me criou, me dando conselhos e quando ela via que eu estava indo pelo caminho errado, ela me falava: “Olha minha filha, você não vai por esse caminho não, você siga esse aqui! E é isso que eu procuro passar pra eles”*

Percebo que Pedro apóia o que diz a esposa e dessa vez mostra-se mais calado, dando voz a sua família. A conversa como prática educativa daquela família, foi bastante enfatizada por Pedro no nosso último encontro, pergunto à Jacira como ela via essa questão que me diz: *“Olha, é difícil a gente educar um filho, principalmente na*

época em que nós estamos, eu “ralo” viu. Então com eles eu ajo assim, eu chamo e converso, não sou de bater, sento com eles, porque bater, espancar, isso daí eu não faço”. Esse relato vem para confirmar o que Pedro havia dito.

Por ser dia das Mães, percebo que a família estava meio agitada com a data e talvez quisessem comemorar. Então achei melhor encerrar mais brevemente esse encontro. Pergunto como Jacira vê sua família hoje e ela relata: *“Minha família é uma família boa, não tenho nada de ruim pra dizer. Somos pobres, mas somos pobres honestos. A gente luta, derrama o suor pra conseguir as coisas. Sinto orgulho da educação que os meus filhos têm”.*

Para encerrar, aproveito a presença dos filhos, querendo saber deles como viam a educação que seus pais lhes dão. A filha mais nova da família fica quieta dando a palavra para o filho mais velho que relata: *“A educação que eles me passaram foi muito importante hoje temos nossas profissões, foi uma educação ótima e eu vejo isso com meus irmãos também. Somos humildes, mas as vezes a pessoa é milionária e não tem respeito dentro de si, engana os outros e aqui é diferente!”*

3.8 – Procedimento de análise

As informações coletadas foram analisadas sob uma perspectiva fenomenológica de cunho hermenêutico, pois para a atividade de pesquisa o entendimento da análise dos dados se inicia já no momento em que o pesquisador se depara com o fenômeno de estudo (Herman, 2002).

Neste trabalho, a inspiração hermenêutica foi adotada para se proceder à interpretação dos sentidos das práticas educativas na fala das famílias participantes, buscando-se compreender os rumos que lhes são dados dentro da trama de relações que estabelecem com seus filhos.

Segundo Minayo 2004, p.65, citando Gadamer, define a hermenêutica como “a busca de compreensão de sentido que se dá na comunicação entre os seres humanos”. Ressalta a importância que a hermenêutica dá para as condições cotidianas da vida, situadas social e historicamente.

Martins e Bicudo (2005), enfatizam a necessidade de iniciar buscando-se o sentido do todo numa análise de dados na pesquisa qualitativa em psicologia, como base para delinear-se as unidades de significado, como procedimento que viabiliza o tratamento dos dados, uma vez que “a realidade psicológica não está pronta à mão no mundo e que não pode ser vista simplesmente, mas que precisa ser constituída pelo pesquisador”.

Para se proceder à interpretação do sentido das práticas educativas nas famílias, alguns passos foram seguidos:

a) primeiramente houve a familiarização com os dados a partir de leituras sucessivas dos depoimentos e das entrevistas transcritas, procurando compreender o seu sentido geral;

b) em seguida, foi realizada uma leitura mais atenta desse material, criando ¹⁰ “constelações” que reuniram os significados percebidos, agrupando as falas que diziam respeito a cada tema identificado. Com as constelações, descrevi os aspectos percebidos e apontei as falas que lhes deram sustentação.

c) foi elaborado um texto que sintetizou as análises realizadas na etapa anterior, a partir do qual buscamos o sentido do fenômeno em estudo pela interpretação.

¹⁰ O termo “constelação” é usado por Szymanski como substituição ao termo “categoria” e tem a finalidade de chamar a atenção para o olhar interpretativo que permeia a sua elaboração, já que inúmeros arranjos temáticos podem ser configurados a partir dos mesmos dados, dependendo do olhar que os ilumina.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Neste capítulo, serão apresentadas as “constelações”, descreverei os aspectos compreendidos e percebidos apontando as falas que lhes dão sustentação.

4.1. Constelações

- **1 - A conversa como ponto principal para uma ação disciplinar.**

Analisando os relatos dos pais entrevistados, vemos que a conversa se revela como um ponto fundamental nas práticas educativas dessas famílias com seus filhos e que o diálogo é compreendido aqui como *conversa* que se mostra muitas vezes com o sentido de imposição e obediência. Conversa esta, que forma os filhos para ouvir, não apontando comportamentos onde as crianças tenham a oportunidade de argumentar. Percebemos pelos relatos, uma visão de autoridade como aquela que deve ser obedecida, não dialógica e imposta, um modo autoritário de educar o qual pressupõe uma desigualdade entre os pares, mas ao mesmo tempo podemos perceber uma autoridade responsável onde os pais se apropriam do papel de educadores de seus filhos.

“O que falta no meio das famílias hoje em dia é a convivência, é o diálogo com os filhos, sentar e falar assim: “Olha, você não vai fazer isso, porque sua mãe não quer que você faça!” e o filho tem que obedecer.” (Olga)

“A solução nossa é a conversa, a pancadaria não resolve, a solução é o diálogo e não tem jeito. Tem que dialogar com seu filho, porque se a gente judiar, os filhos tomam raiva dos pais, eu falo as mães e os pais”. (Pedro)

“Porque se eu saio pra rua, eu sei que quando eu chegar em casa, vai estar tudo arrumadinho, não vai ter ninguém pra falar, porque aqui no prédio, ninguém fala delas. Ninguém vê elas no meio de bagunça, na rua, porque foi isso que falei: “Vocês não abram porta pra ninguém, não quero gente estranha dentro da minha casa, não quero vocês no meio de amigas que não convém.” E elas obedecem e eu vejo diferença.” (Olga)

- **2 - A conversa como ponto de partida para uma ação disciplinar.**

Uma outra constelação emerge das falas das famílias que é a utilização da conversa como um procedimento inicial para uma ação disciplinar. Sendo assim podemos observar que também existe a possibilidade de aplicação de práticas coercitivas onde os filhos obtêm a obediência imediata, por meio de castigo e ameaças verbais. Nos trechos dos relatos a seguir, vemos como as famílias explicitam esse modo de agir com seus filhos.

“Essa aqui que é pequenininha, vai fazer doze anos esse mês, mas quando ela começa a levantar a voz eu falo: “Como é que é Fernanda? Vou contar até três” e quando eu chego no dois, não precisa nem contar até o três, a menina já sai rasgando e sabe que no três vai estreitar. Estreitar é pegar assim, deixar de castigo, é o que eu faço”. (Olga)

“Na hora de brincar, é brincar, na hora de repreender, é repreender. Se está fazendo coisa errada, tem que repreender, deixar de castigo, mas sabe que quando sair do castigo, vai sair sabendo que não podia ter feito aquilo”. (Olga)

“Então pra mim, acho que os pais, as mães, quanto mais batem nos filhos, fica mais difícil de educar o filho dela, porque só você bater no seu filho, não educa”. (Pedro)

- **3 - A educação recebida pelos pais, utilizada como exemplo de projeto educativo da família.**

Dentre os relatos das famílias, destacou-se também nessa compreensão, o saber antigo calcado no passado que se mostra nas implementações das práticas educativas, ou seja, o exemplo de educação recebida pelos pais, hoje utilizadas e defendidas no cotidiano das famílias pesquisadas. Esses relatos mostram uma luz nesse saber passado que leva a constituir uma nova significação que caminha para outras compreensões de acordo com o que as famílias vivem atualmente, suas disposições afetivas e no existir como autoridade com os filhos. Essa tradição traz uma profundidade na vivência histórica dessas famílias e diz muitas coisas sobre o presente vivido.

“...Porque no passado, meus pais nunca foram de brigar com a gente, uma vez só que minha mãe falava, a gente tinha que obedecer. Meu pai, é daqueles “antigão”, só um

olhar dele a gente já entendia tudo. Então ele não era de ficar brigando, ele falava uma vez só. Então eu peguei esse ritmo e falei: “Meus filhos vão ser criados assim!”. (Olga)

“Eu vim de uma família, em que minha mãe sempre foi obediente aos pais dela, então eu procurei trazer aquela educação que ela deu pra nós, pra dentro da minha família. O meu esposo foi criado em berço evangélico e o pai dele era rígido, só de olhar também, já tinha que obedecer. A mãe dele era tão brava que só de olhar...”. (Olga)

”Minha mãe me criou, me dando conselhos e quando ela via que eu estava indo pelo caminho errado, ela me falava: “Olha minha filha, você não vai por esse caminho não, você siga esse aqui!”. (Jacira – esposa de Pedro)

- **4 - Mãe, Pai e a Responsabilidade do papel assumido.**

Podemos dizer que essa constelação permeia todas as outras destacadas aqui nesse estudo, percebemos através dos relatos dessas famílias, que o grande sentido de ser pai e mãe, é o de assumir e dar conta da responsabilidade desse papel. Independente da forma de como compreendem o diálogo e a autoridade em suas ações disciplinares.

“Então eu acho assim, que a educação dentro de casa é o principal, depois leva pra escola pra aprender ler e escrever, ensinar o B, A, BA todinho pra poder ser alguém na vida mais tarde. Agora se larga de qualquer jeito, vai aprender o que não presta”. (Olga)

“...uma família que você pode corresponder como mãe ou como pai. Eu com os meus filhos correspondo até em baixo d’água”. (Pedro)

“Porque a educação vem de dentro de casa, vem do berço e se não teve aqui, como o aluno vai aprender lá fora?”. (Olga)

“Às vezes minha menina chega com coisas da escola pra eu ajudar, responder pra ela. Eu falo: “Olha filha a mãe não sabe não, mas vamos procurar ver onde é que está” Aí eu pego uns livros que a gente tem aí e vamos procurar ver e vou conseguindo ajudar ela. Mas só o fato de você sentar e procurar ajudar, elas já estão vendo o interesse da gente ajudar. Então por isso que o interesse delas de querer trabalhar, de querer ser alguém na vida, pra mim já é o suficiente.” (Olga)

O que também fica muito presente e se destaca nesse estudo, é a aceitação dos filhos em relação à autoridade de seus pais. Nas entrevistas com as duas famílias, tive a oportunidade de perguntar aos filhos o que eles achavam da educação que seus pais lhe deram e eles me responderam:

“É boa, eu queria que minhas tias desse esse tipo de educação para as minhas primas, elas não conversam, só falam aqueles palavrões feios.” (filha de Olga 17 anos)

“A educação que eles me passaram foi muito importante, hoje temos nossas profissões, foi uma educação ótima e eu vejo isso com meus irmão também. Somos humildes, mas as vezes a pessoa é milionária e não tem respeito dentro de si, enganam os outros.” (filho de Pedro 23 anos)

- **5 - A família como principal meio de proteção – o exercício da autoridade**

Ao longo das entrevistas, as famílias destacaram que o convívio na família é tido como um ponto fundamental de proteção e segurança dos filhos. Em suas narrativas, apontaram também que o respeito e a obediência devem ser valorizados para que essa proteção aconteça. Assim como regras dessa convivência são bem explícitas e valorizadas pelas famílias.

“Eu prefiro ver você chorando agora, repreender você agora, do que mais tarde eu te ver no meio das drogas, com filho nos braços ou atrás das grades, porque é isso o que acontece com homem e mulher que não obedece aos pais”. (Olga)

“Vai lá conhecer o mundo lá fora, conheça o mundo lá fora e depois você só bate na minha porta, pra falar o que aprendeu lá fora. Porque lá fora minha filha, não tem nada que presta, só tem droga, só tem meninas aparecendo grávidas porque não obedecem aos pais, não tem um serviço bom porque não estudam, vivem faladas. Agora você quer conhecer? Vai!” (Olga)

“É aquilo que eu falo, tudo o que eles querem fazer, chega até o pai: “Meu pai? Dá certo comprar isso? Dá certo comprar aquilo? Dá certo de fazer aquilo?” Meus filhos todos tem uma palavra fantástica comigo, porque eles estão sabendo aonde vai topar a realidade”. (Pedro)

“Se meu marido vai chamar a atenção delas, eu tenho que ficar quieta, se eu vou chamar a atenção delas e eu estou na minha razão, ele fica quieto. Porque se eu for falar e ele for contra, está tendo divisão. A gente tem que apoiar pra educar e as duas são tratadas iguais.” (Olga)

- **6 - Os ensinamentos da igreja e o temor a Deus como exemplo na implementação das práticas educativas.**

A família de Olga assegura suas ações educativas para com suas filhas, na crença e no temor a Deus segundo os ensinamentos de sua igreja. Uma obediência calcada na fé que é levada como exemplo na configuração e educação de sua família.

“Não são meninas de mentir, porque eu canso de falar que dentro da bíblia nos ensina que não podemos andar com mentira”. (Olga)

“E dentro da igreja eu procurei trazer sempre os meus. E dentro da igreja, vai aprender que a educação é diferente, aonde se reúne ali, não sai palavrão, não sai piadas de mau gosto, convivência, palavras que ajudam as pessoas se alegrar. Alegria que não é passageira, onde você se alegra agora e daqui a pouco está chorando pelos cantos. Sai alegre e não vê o dia, a hora de voltar”. (Olga)

- **7 - A educação implementada pela família – desejo de continuidade na vida dos filhos.**

Esta constelação mostra um olhar para o futuro, no sentido de levar adiante a educação recebida em casa.

“Eu estou procurando trazer elas no caminho certo, na obediência, pra quando elas tiverem os filhos delas mais tarde, elas procurarem trazer a mesma educação, a mesma obediência que nós procuramos trazer”. (Olga)

“Vocês têm que crescer, sabendo o conhecimento que seu pai tem, que é pra hoje e amanhã você ter também esse conhecimento, por quê? Porque a violência não funciona”. (Pedro)

“O que a gente puder fazer pra elas aprender e aprender melhor lá fora também, elas vão passar para os filhos delas mais tarde. E ver que a escola também pode ajudar ler e escrever e respeitar.” (Olga)

- **8 - O desejo do futuro dos filhos, diferente do vivido pelos pais.**

Pelas narrativas da família de Olga, podemos perceber que as estratégias dessa família também são “favorecedoras” do sucesso das filhas na escola, fica claro o desejo da família em relação a um futuro promissor para suas filhas, diferente do vivido e das

oportunidades que tiveram os pais, ou seja, dedicam também a vida pelos filhos para que cheguem aonde gostariam de ter chegado ou para que saiam da condição sociofamiliar em que vivem.

“O bem que eu quero pra elas, é o bem que eu não tive, entendeu? O meu pai era pedreiro e ele não pôde dar um estudo pra nós. Eu não cheguei até a 8ª série, então eu não quero que minhas filhas passem o que eu passei”. (Olga)

“O bem delas que eu quero e que o pai delas cansa de falar, é dar uma faculdade pra elas e pensar em ser alguém na vida. Essa pequenininha minha aí oh, pergunta o que ela quer ser? Estilista! Eu não sei nem o que é isso, ela fala que quer ser estilista. Então vai ter que pagar uma faculdade”. (Olga)

CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas constelações que emergiram nesse estudo, tentamos buscar a compreensão dos sentidos que se desvelaram a partir das narrativas das famílias participantes em relação a suas práticas educativas. Debates no capítulo 3, que sentido foi visto aqui como o caminho, o rumo e a direção para onde apontaram tais práticas. Compreendemos que sentidos são produzidos nas diversas práticas educativas, possibilitando-nos entender pensamentos, padrões sociais e posicionamentos das pessoas, como também descobrir como essas famílias construíram formas de agir no mundo real com seus filhos.

Discutimos também no capítulo teórico que práticas educativas são entendidas como ações contínuas e habituais realizadas nas trocas interpessoais pelos mais velhos em relação às crianças e adolescentes, com a finalidade de transmitir saberes, práticas e hábitos sociais, trazendo uma compreensão e uma proposta de ser no mundo com o outro (Szymanski, 2000).

O olhar interpretativo da pesquisadora em relação às entrevistas dessas famílias possibilitou uma compreensão sobre o desvelar desses sentidos. Segundo Critelli 2007, o olhar torna-se *olhar* desde a possibilidade de manifestação da coisa, assim como a coisa torna-se presente pela possibilidade do olhar que a vê. O olhar só é olhar quando vê alguma coisa e a coisa só é uma coisa quando vista por um olhar. Ambos ganham existência em seu mútuo acontecer. Cada um se manifesta segundo o que e como é pela manifestação conjunta do outro.

Interpretar o real das práticas educativas das famílias e, de lá, buscar compreender os sentidos, não foi algo lógico e com conceitos já estabelecidos, mas abriu-se uma possibilidade de entendimento e de como se deixou revelar para esta pesquisadora tal compreensão. Sentido se dá num determinado contexto, tempo, espaço ou época e o sentido que se desvelou neste trabalho refere-se à investigação aqui realizada.

Nesse estudo, as famílias participantes deixam claro que defendem a conversa como uma prática educativa dentro de suas casas, tanto na relação com os filhos, como na relação com seus pares. Os relatos nos mostraram ainda, que a conversa apontada

pelas famílias, é, muitas vezes, entendida como uma forma de diálogo e que o sentido dessa maneira de agir, se dá pelo fato desses pais trazerem do passado essa continuidade intergeracional de ensinamentos. A educação recebida pelos pais é utilizada hoje como exemplo de projeto educativo naquelas famílias que zelam por um ensinamento forte que dê continuidade à vida de seus filhos. Há o reconhecimento familiar de sua responsabilidade pela tarefa de socialização, ligado a um sistema de valores e crenças, que, concomitantemente, vai sendo incorporado pelos filhos, pois isso será fruto de um processo constitutivo no qual a criança, em relação com outra pessoa, vai dar sentido a realidade que a rodeia.

Hernández e cols. 1998 nos diz que, cada criança vai dar um sentido e interpretar as condutas de seus progenitores, conforme sua experiência e contexto, e por isto, seus valores poderão ser similares aos paternos, mas nunca idênticos. Dentro desta ótica, os filhos são agentes ativos no processo de construção de valores.

Este vínculo com o mundo atual e do passado traz a possibilidade de pensar de forma diferente sobre a educação na família, colocando-a muitas vezes em questão sobre como fazer para que a apropriação do velho não impossibilite o novo de se manifestar.

Sentidos carregam valores e a implementação dos mesmos visa explicar e regular significativamente a conduta do indivíduo tanto na relação com o mundo, quanto na superação de eventuais crises (Berger e Luckmann, 2004).

As análises também nos mostraram o grande sentido que surgiu nessa pesquisa, que foi o compromisso daquelas mães e pais de serem educadores dos filhos, de admitir a função materna e paterna com responsabilidade. Pelas práticas educativas analisadas, vimos o sentido de expressão dessa responsabilidade que se concretiza no cotidiano dessas famílias, muitas vezes práticas autoritárias e de repetição, mas, com grande intenção de instrumentar o filho em direção a uma vida melhor no sentido material. Esse dado que emerge, vem contra algumas generalizações das quais ouvimos dizer que as famílias de baixa renda não assumem um compromisso com a educação de seus filhos, conforme vimos na constelação 4.

Szymanski, 2006 nos ajuda a refletir essa questão sobre possíveis olhares preconceituosos em torno das famílias de baixa renda e nos mostra que isso não quer

dizer que não se encontrem pais com excelentes habilidades educativas nos meios socioeconômicos menos favorecidos, como o contrário, pais de alto nível socioeconômico com dificuldades na educação de seus filhos.

Outro grande sentido que se abre pelos relatos dessas famílias, que permeia as falas desses pais e que nos chamou muito a atenção foi a questão da obediência. Quando citamos acima que a conversa aparece como um dos destaques nas práticas educativas das famílias, percebemos que essa conversa, constantemente, é aplicada como um ato de convencimento dos pais em relação aos seus filhos e que devem ser obedecidos e respeitados. Essa autoridade é aceita pelos filhos das famílias participantes, fato que tivemos a oportunidade de constatar quando perguntado a eles o que achavam da educação implementada por seus pais, sendo os relatos favoráveis ao modo de educação que têm.

A relação com o passado e o futuro, esteve muito presente nas falas dos participantes da pesquisa, pois as práticas educativas implementadas hoje têm uma grande influência do passado, isso se mostra, quando os pais relatam a importância de tal exemplo recebido e que hoje é utilizado nos modos de educar seus filhos. O futuro aparece quando vemos o desejo que essas famílias têm de que a educação implementada no presente continue na vida dos filhos, este olhar para o futuro, se manifesta como o sentido de levar adiante o exemplo recebido em casa.

As famílias também aspiram que o futuro de seus filhos seja diferente do vivido pelos pais e que dedicam sua vida para que seus filhos cheguem aonde eles gostariam de ter chegado ou para que saiam da condição sócio familiar em que vivem. Como discutido no capítulo teórico, muitas vezes a família pobre é também culpabilizada pelo “não sucesso” do filho na escola, essa culpabilização expressa a visão preconceituosa que se tem dos pobres ao longo da história brasileira. Como já colocado também por diversos autores (Bisseret, 1979; Chauí, 2001; Schwarcz, 1993; Patto, 1999 entre outros), essas famílias também vêm para mostrar a existência do interesse e dedicação dispensada em relação à vida escolar dos filhos.

Acredito que esse trabalho contribuirá com mais um olhar que quebra paradigmas em torno do que muitos pensam sobre o compromisso e responsabilidade que as famílias de baixa renda também podem ter em relação a educação de seus

filhos. Responsabilidade essa que carrega sentidos e que, pelos nossos olhos foram desvelados alguns deles, fizemos o exercício do olhar que interroga e que nos lançou no conhecimento de algo.

Critelli 2007 nos aponta que este olhar do interrogador ou interrogador, por sua vez, é jamais um olhar dele mesmo, isolado, mas um olhar plural do qual fazem parte todos aqueles com quem ele mesmo é no-mundo. Mas é também um olhar exclusivo, no qual se expõe toda sua singularidade.

O sentido desse olhar para a pesquisadora, manifestado nesse trabalho, foi um exercício de quebras de paradigmas, de tentativa de superação do óbvio e de respeito às particularidades alheias e um perceber constante de que o sentido pode se revelar de diversas maneiras. Esse trabalho apresentou uma possibilidade de compreender sentido de práticas educativas de famílias de classes populares.

Referências Bibliográficas

ALVARENGA, P. & Piccinini, C. - ***Práticas educativas e problemas de comportamento em pré-escolares. Psicologia: Reflexão e Crítica***, 14(3), 449-460, 2001.

ALVES, J. A. - ***O Planejamento de pesquisas qualitativas em educação – Caderno de Pesquisa***, São Paulo (77): 53, 61, maio, 1991.

ARAÚJO, C. P – “***Brasilândia: uma história de amor***”. In: <http://www.saopaulominhacidade.com.br/list.asp?ID=191>.

ARIÈS, P. - ***História Social da Criança e da Família***. tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

BISSERET, N. - ***A ideologia das aptidões naturais. In J. C. Durand (Org.), Educação e hegemonia de classe***. São Paulo: Zahar, 1979.

BERGER, P & LUCKMANN, T. - ***A construção social da realidade***. Petrópolis: Vozes, 1983.

BERGER, P & LUCKMANN, T. - ***Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno***; tradução de Edgar Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BRONFENBRENNER, U. – ***A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados***; Porto Alegre: Arte Médicas, 1996.

BRUNER, J. – ***Atos de significação***. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CHAUÍ, M. S. - ***Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*** (9a ed.). São Paulo: Cortez, 2001.

Constituição Federal (1988).

CERVENY, C. M. O – ***A família como modelo – Desconstruindo a patologia***. Campinas – SP, Editora Livro Pleno, 2000.

CRITELLI, D. M. – ***Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica***. São Paulo: Brasiliense, 2007.

Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990.

GARBAR, C. & THEODORE, F. - ***Família mosaico***. Trad. Luciano Lopretre. São Paulo: Augustus Editora, 2000.

GASONATO, M. R. C. - **O sentido das expectativas das famílias em relação à escola para a formação de seus filhos**. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (dissertação de mestrado), 2007.

HERNANDÉZ, M. D. G., Rodríguez, G. R., & Zamora, A. L. - **La construcción de valores em la família**. In M. J. Rodrigo & J. Palácios (Eds.), *Família y desarrollo humano*. (pp. 201-221). Madrid: Alianza editorial, 1998.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOUAISS, Instituto Antônio – **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

LAHIRE, B. – **Homem plural: os determinantes da ação**. Petrópolis, Vozes, 2002.

_____ - **Sucesso Escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo, Editora Ática, 2004.

MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. - **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

PATTO, M. H. S. - **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

POSTER, M. – **Teoria crítica da família**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

REY, F.G. – **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SARTI, C. A. - **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHWARCZ, L. - **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SZYMANSKI, H, ALMEIDA, L.R. & PRANDINI, R.C.A.R. - **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano Editora, 2002.

SZYMANSKI, H. - **A relação família/escola – desafios e perspectivas**. Brasília: Plano editora, 2003.

_____ **A família como locus educacional: perspectivas para um trabalho psicoeducacional**; in: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, vol. 8, nº197, pág. 14-25, jan/abril 2000.

_____ **A família contemporânea em debate** – (org) Maria do Carmo Brant de Carvalho. São Paulo: EDUC: Cortez, 1995.

_____ **Práticas Educativas Familiares e o sentido da constituição identitária;** in: *Paidéia, São Paulo*, vol. 16 (33), pág. 81-90, jan/abril 2006.

THIN, D. – **Quartiers populaires – L'école et les familles.** Lyon : PUL, 1998.

_____ **Para uma análise das relações entre família e escola :confrontação entre lógicas socializadoras.** In : *Revista Brasileira de Educação*, v.11 n. 32 Rio de Janeiro maio/agosto 2006.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO

I – IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

NOME DO PARTICIPANTE:

DATA DE NASCIMENTO...../...../.....

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: Sentidos das práticas educativas de famílias de classes populares

PESQUISADORES RESPONSÁVEIS: Prof.a. Dra. Heloisa Szymanski e Shirley Pires da Cruz

CARGO/FUNÇÃO: Profa. do Programa de Estudos pós-graduados em Psicologia da Educação; Aluna de mestrado no mesmo programa.

UNIDADE DA PUC-SP: Programa de Pós-graduação em Psicologia da Educação

<h3>III –EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO SUJEITO SOBRE A PESQUISA</h3>
--

- *Propósito do estudo:* Investigar sentidos das práticas educativas que se desvelam em famílias de classes populares
- *Benefícios:* O resultado deste estudo poderá ajudar na compreensão de que o modo de educar da família é diferente do modo de educar da escola isto, poderá contribuir para uma melhor relação entre a família e a escola. O trabalho que será desenvolvido também poderá beneficiar os participantes, na medida em que os procedimentos adotados poderão se configurar como um espaço de reflexão para as famílias a respeito de suas práticas.
- *Procedimentos:* Análise de depoimentos e entrevistas com os participantes segundo a abordagem reflexiva, em que todos têm acesso aos dados de pesquisa, os quais são sempre apresentados e discutidos com os participantes.
- *Riscos e desconfortos:* Não existem riscos ou desconfortos associados com este projeto, isto é, a probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo.
- *Confidencialidade:* Fica garantido aos participantes da pesquisa a confidencialidade, a privacidade e o sigilo das informações individuais obtidas. Os resultados deste estudo poderão ser publicados em artigos e/ou livros científicos ou apresentados em congressos profissionais, mas informações pessoais que possam identificar o indivíduo serão mantidas em sigilo.

IV – ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA

Ficam garantidas aos sujeitos da pesquisa:

- O acesso, a qualquer tempo, a informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas.
- A salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.
- O direito de retirar-se da pesquisa no momento em que desejar.

V – INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

Profa. Dra. Heloisa Szymanski e Shirley Pires da Cruz
Programa de Pós-graduação em Educação: Psicologia da Educação – PUCSP
R. Monte Alegre, 984 – Perdizes – São Paulo – Fone: (11) 3670 8527
E-mail: pedpos@pucsp.br

VI – CONSENTIMENTO ESCLARECIDO

Eu compreendo meus direitos como um participante de pesquisa e consinto em participar deste estudo. Compreendo sobre o que, como e porquê este estudo está sendo feito. Receberei uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

S.Paulo,de.....de 2008.

.....
Participante da pesquisa

.....
Pesquisador

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)